

MARIA



**Não tenhais medo!
Alegrai-vos, Cristo ressuscitou!**

Não Sei

Não sei... se a vida é curta
ou longa demais pra nós,
mas sei que nada do que vivemos
tem sentido, se não tocamos
o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que acaricia,
desejo que sacia,
amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira, pura...
Enquanto durar.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543. 279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P.209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Luís Erlin.

Administração: Nestor A. Zatt.

Divulgação: Hely Vaz Diniz; Djailton Carvalho.

Redação: Adelino Dias Coelho; Avelino S. de Godoy.

Diagramação: Antônia Portero Simon; Avelino S. de Godoy. **Assinaturas:** Geraldo José Canezin.

Impressão: Gráfica Ave-Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP. CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

Para se corresponder com a redação:

Rua Martim Francisco, 636, 1º andar, CEP 01226-000.
Tels: (11) 3666-2128 e 3823-1060 ou Caixa Postal 1205
- CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

revista@avemaria.com.br
redacao@avemariainternet.com.br

Divulgação

Djailton Carvalho: (11) 3823-1060, ramal 1045
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Assinatura:

Ligue grátis: 0800-555-021
De segunda a sexta, das 7h30 às 17h15

assinaturas@avemariainternet.com.br

Valor da assinatura: R\$ 25,00 por ano
(12 exemplares)

AVISO AO ASSINANTE

SUA ASSINATURA de agora em diante será renovada
somente por **BOLETO BANCÁRIO**,
emitido e enviado pela revista *Ave Maria*.

Serviço bíblico na Internet

Comentários diários sobre as leituras das missas:
www.claretianos.com.br

Revista *Ave Maria* na internet:
www.avemariainternet.com.br

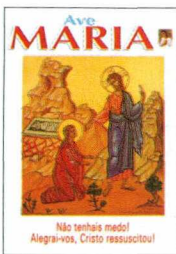


Foto da capa:
Ícone da
Ressurreição de
Jesus.

Do livro:
Passion Week,
Atenas, 1988.

AGRADECIMENTO

A revista *Ave-Maria* tem grande importância na história da Igreja brasileira. Fundada em 28 de maio de 1898, é a revista mariana mais antiga do Brasil. Criada por leigos, ainda na sua origem, foi assumida pelos Missionários Claretianos (Filhos do Imaculado Coração de Maria) que até hoje são os responsáveis pela publicação.

O carisma de Santo Antonio Maria Claret é anunciar a Palavra de Deus por todos os meios possíveis. A imprensa, ou melhor, a boa imprensa, pode ser um canal urgente, oportuno e eficaz de evangelização.

Neste número da revista, gostaríamos de prestar uma merecida homenagem ao Pe. Cláudio Gregianin que foi o diretor da *Ave Maria* por três décadas. A ele nossos agradecimentos por tanta dedicação.

A partir desta edição, o governo da Província Meridional do Brasil me confiou essa tarefa. Peço a oração de todos para que nossa revista continue respondendo às necessidades da Igreja.

Que o Cristo Vivo e Ressuscitado possa nos enriquecer de esperança.
Deus nos abençoe.

Pe. Luís Erlin, cmf.

106 anos atrás

A "Ave Maria"



"Sympathica, por seu título, ao povo brasileiro, essencialmente mariano, nossa modesta revista atraiu a si, desde o princípio, coração de todos. Foi de todos os Estados procurada; não só de S. Paulo, mas de todas as partes nos chegaram felicitações, ficando justamente desvanecidos de ver que não só os fiéis brasileiros, mas príncipes tão preclaros da Igreja, como D. Joaquim Arco-verde e D. Antonio de Alvarenga, nos escreviam entusiasmados ou nos animavam verbalmente em nosso propósito. Cremos ter feito algum bem e dado alguma glória à Mãe

de Deus. Todo esse bem, justo é reconhecê-lo, deve-se em sua maior parte à Ilustre paulista D. Maria Candida Junker Alvares e a outros bemfeitores, sem os quais nossa revista não teria saído à luz da publicidade...

São muitas as instituições Marianas existentes em S. Paulo, as quais, mercê de Deus, vão crescendo cada dia. Uma delas, a última na ordem cronológica, posto que não seja a menor na devoção a Nossa Senhora, a Archiconfraria do Imaculado Coração de Maria, da qual nos ufamamos de ser membros antigos, tomou a peito que nossa revista fosse avante, e nos pediu que fosse órgão seu. Foi para nós grande glória. A revista, porém, servirá com prazer a todas as associações e congregações Marianas.

São Paulo 29 de abril de 1899 - ANNO I. NUMERO 23 (FOTO ACIMA).

Concurso de cartaz da CF'2007

Em 2007, a Igreja Católica no Brasil celebrará a Campanha da Fraternidade com o tema: "Fraternidade e Amazônia" e o lema: "Vida e missão neste chão".

Neste sentido, a Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura, Educação e Comunicação Social, juntamente com a Secretaria Executiva da Campanha da Fraternidade lança o CONCURSO NACIONAL para a criação do cartaz que irá traduzir o lema da CF'2007.

Você que é comunicador(a), agente da PASCOM, designer ou tem afinidade com a comunicação social ou é agente da Campanha da Fraternidade está convidado a criar e enviar para a CNBB seu trabalho gráfico. O prazo para envio dos cartazes vai até 31 de maio de 2006. No cartaz, deverá haver, além da figura que você criar, os seguintes textos: "Campanha da Fraternidade 2007"; "Fraternidade e Amazônia" e "Vida e missão neste chão". Um júri irá escolher o melhor cartaz que será distribuído para todo o país. Endereço para envio (caso for em papel): *Conferência Nacional dos bispos do Brasil — Setor de Comunicação Social - SE/Sul - Quadra 801 - Conjunto "B" - Brasília - DF - CEP 70401-900*. Os trabalhos, enviados em JPEG, devem ser encaminhados para: comsocial@cnbb.org.br com cópia para: cf@cnbb.org.br

Novo Cardeal de Hong Kong incomoda governo chinês

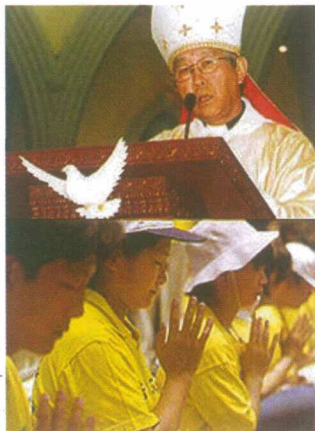


Foto: Arquivo

A escolha do Bispo de Hong Kong, d. Joseph Zen, como um dos novos cardeais da Igreja Católica, está incomodando o governo chinês. A escolha de Bento XVI recaiu sobre um dos homens mais destacados na luta pelos direitos humanos e pela liberdade em Hong Kong.

O governo chinês já aconselhou d. Joseph Zen a evitar discutir e levantar questões políticas. "Registramos a nomeação de Zen, e defendemos que as figuras religiosas não devem interferir em política", disse em Pequim Liu Jianchao, porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da China, em conferência de imprensa.

D. Zen, considerado pelos seus seguidores "o homem de Deus na China", visitou pela última vez a China em 2004 e, ao longo da sua vida como prelado, tem sido muito crítico relativamente às políticas do continente.

Sobre a sua designação

por Bento XVI como cardeal, d. Zen disse que ela "é uma honra para toda a China". Em declarações à agência *AsiaNews*, o Bispo de Hong Kong refere estar certo de que Bento XVI "ama muito a China".

Embora o Partido Comunista Chinês se declare oficialmente ateu, a Constituição chinesa permite a existência de cinco Igrejas oficiais (Associações Patrióticas), entre elas a Católica, que tem 5,2 milhões de fiéis.

Segundo fontes do Vaticano, a Igreja Católica "clandestina" conta mais de 8 milhões de fiéis, que são obrigados a celebrar missas em segredo, nas suas casas, sob o risco de serem presos.

Vários contatos informais têm sido desenvolvidos desde que Bento XVI sucedeu a João Paulo II, fazendo do estabelecimento de relações diplomáticas com a China, uma das suas prioridades. A Associação Patriótica Católica, contudo, vê esses novos elementos de diálogo entre a China e o Vaticano como um perigo para a organização.

Aumenta número de cristãos perseguidos no mundo

A violência no mundo contra os cristãos continua a aumentar, constata um relatório anual, do dia 23/02/06, apresentado em Paris, pela Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), intitulado "Per-

seguições anticristãs no mundo". Os dados deste relatório referem-se a vários acontecimentos do ano 2005, nos vários continentes.

As perseguições aos cristãos têm-se vindo a manifestar e a desenvolver em formas diversas. Desde assassinações a religiosos, sobretudo em países como a Colômbia, Brasil, Quênia, República Democrática do Congo ou Índia, até à profanação de lugares sacros que hoje se multiplicam, mesmo no coração da Europa e do Ocidente.

O relatório da AIS sublinha também aquelas que de forma astuta agridem no quotidiano e com vontade de aniquilamento, a liberdade de professar-se e assumir-se cristão. São formas de discriminação no nível administrativo, fiscal, jurídico ou social.

No Sudão islâmico, um cristão pode confrontar-se com atitudes intimidadoras do gênero "renega a tua fé e terá este trabalho". Para um missionário, o ato de conseguir um visto de entrada em determinados países pode tornar-se numa árdua tarefa. Mas até mesmo naqueles Estados que, teoricamente, garantem a todos, e segundo a própria Constituição, a liberdade religiosa, os cristãos e os símbolos da fé cristã podem tornar-se bodes expiatórios de determinados grupos sectários, de um laicismo agressivo, ou outras formas de vilipêndio mediático.

O fundamentalismo islâmico

mico, comunismo, fanatismo hindu e budista na Ásia mas também as novas tendências de niilismo nas sociedades mais avançadas representam, segundo este relatório, os quatro grandes pólos de onde provêm as principais ameaças à Igreja.

Em 2005, foram mortos 25 religiosos. Todos os anos, a AIS responde a cerca de 7 mil pedidos de ajuda de cristãos em perigo em todo o mundo.

Igrejas e Aids

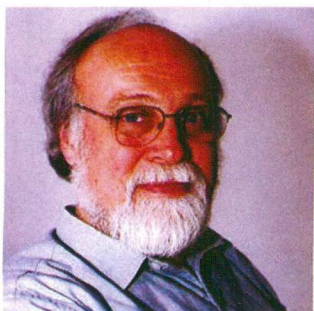


Foto: C. Strüssmann

Pastor Walter Altmann, Luterano, 62 anos, é o novo moderador do Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

Porto Alegre, RS, 22/2/06. A IX Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas está debatendo o tema do HIV/Aids, mas a maioria dos espaços de discussão do assunto não está ocupado por portadores do HIV. Mudar o tratamento dado a esse tema dentro das Igrejas, deixar as declarações formais, interferir efetivamente no problema - dando mais informação e educação -, e possibilitar uma melhor atenção pastoral a pessoas por-

tadoras do vírus foram os temas do debate de 17 de fevereiro de 2006, na Assembléia.

O reverendo Jape Halth, secretário geral da ANERELA, uma rede integrada por religiosos e pessoas que vivem e são afetadas por essa epidemia na África do Sul, disse "estamos aqui para dizer ao Conselho Mundial de Igrejas que deve fazer mais pelas pessoas que vivem com o vírus da Imunodeficiência Humana (HIV/Aids) e para pedir a mudança de atitude das igrejas em relação às pessoas portadoras do vírus".

O religioso anglicano vive com o vírus há seis anos e disse sofrer julgamentos negativos por ser portador do vírus do HIV, mesmo vivendo em uma comunidade em que se diz que Deus é o único que deve julgar. Quando descobriu o HIV, Halth imaginou que morreria em poucos meses, mas vive há 36 anos com a doença.

Segundo estatísticas das Nações Unidas, 42 milhões vivem com o HIV no mundo, 26 milhões só na África, a acesso ao tratamento com medicamentos retrovirais é prejudicado devido à falta de informação, a pobreza e o estigma. "Se pudéssemos superar estas três deficiências, poderíamos tratar este vírus como qualquer outro, sem colocar sobre ele uma carga moral e poderíamos ver uma comunidade religiosa consciente que responde com o amor de nosso Deus" disse Halth. 🌈

SUMÁRIO

• Espaço do leitor	6
• Jesus Cristo, o amor encarnado de Deus	7
• O que é uma deficiência?	8
• Quem é deficiente?	9
• Páscoa! Cristo ressuscitou! Aleluia!	10
• Você é maior que seus problemas <i>Luis Erlin</i>	11
• Páscoa: a vida vence a morte <i>Regina Maria de Almeida</i>	12
• Casais de segunda união: de igual dignidade... de igual esperança... <i>Pe. Nilton César Boni</i>	13
• Poderosos, mas impotentes <i>Pe. Zezinho</i>	14
• A fome das crianças <i>Carmem Sílvia Machado Galvão</i>	15
• A mística católica e o desafio inter-religioso <i>Maria Clara Lucchetti Bingemer</i>	16
• Ensino religioso: busca permanente <i>Antonio Boeing</i>	17
• Signos & símbolos <i>Frei Betto</i>	18
• Vinde e vede! <i>D. Murilo Krieger</i>	20
• 15º Congresso Eucarístico Nacional	21
• Indignação e autocontrole comunicativo <i>Francisco Gomes de Matos</i>	22
• Senhora da Gleba <i>Roque Vicente Beraldi</i>	24
• A palavra é... Relíquia <i>Luis Erlin</i>	25
• Liturgia da palavra De 21 de maio a 11 de junho <i>Adelino Dias Coelho</i>	26
• Coitadismo <i>Antonio José Eça</i>	31
• Vamos cozinhar?! <i>Dinorah</i>	32
• O ganha-pão de uns... <i>Tina Glória</i>	33

— Espaço do leitor —

Acabei de renovar minha assinatura da revista "Ave Maria". Minha falecida mãe, Isabel Braz Faria, assinou também esta revista por décadas.

Estou realizando um trabalho histórico em minha cidade e necessito de dados (data da festa, origem da denominação, onde surgiu, etc.) sobre Nossa Senhora da 'Candelária', padroeira de um dos distritos da minha cidade. Já escrevi para várias entidades religiosas como TVs, editoras, etc. e não consegui essas informações. Já consultei vários livros sobre Nossa Senhora e procurei nas revistas antigas da "Ave Maria" que trazem outras denominações de Nossa Senhora, mas não encontrei a que estou procurando.

Faço, portanto, um apelo veemente a esta conceituada revista religiosa mariana: não deixe esta carta sem resposta.

Atenciosamente

Isa de Faria Guimarães, Brazópolis, MG

Olá, revista *Ave Maria*, vocês sabiam que são tão especiais para mim. eu sempre leio esta revista e me acho ótimo.

Esta revista possui um caráter especial para mim. Adoro vocês. Pois então, falando nesta revista, vocês lembram quando saiu a revista ano 103 em março de 2002, por 'Uma terra sem males', que falava de uma página da pastoral da criança? Eu adorei aquela edição, pois eu faço parte da pastoral da criança e adoro, pois queria que vocês sempre colocassem uma edição da Pastoral. E queria pedir que vocês me escrevessem sempre, que ficarei muito alegre enviando um e-mail. E muito agradecido.

Grato.

André Luís Martins Silva, Goianésia, GO

Sou assinante da revista *Ave-Maria*. Gosto muito dos artigos do Pe. Luís Erlin. Fico feliz de tê-lo conhecido quando ele ainda era seminarista e trabalhava conosco na comunidade Nossa Senhora Auxiliadora.

Fátima Nazarron (Junarê), Batatais, SP

"Na revista dessa editora do mês de janeiro, da qual sou assinante há muitos anos, na contra capa me chamou atenção uma frase a título de propaganda da revista Ave Maria que apresentasse a referida a um amigo, vizinho ou parente e se ele a quiser conhecer melhor para ligar para o 0800 555 021 e receberá um exemplar grátis. Ao invés de ligar gostaria que fosse enviado os exemplares para três pessoas que são meus parentes e fico na expectativa que se tornem assinantes da Ave Maria".

Carlos Zenisch Ramos, Florianópolis SC

Prezados Senhores,

Foi com grande alegria que redescobri a revista *Ave Maria*, digo isto porque desde pequena meu pai a assinava e cresci lendo seus artigos. Não sei por qual motivo deixamos de recebê-la, mas, agora quero fazer uma surpresa para minha mãe e enviá-la novamente para seu lar.

Portanto, gostaria de saber como posso efetuar o pagamento para concretizar a assinatura e desde já forneço o nome e endereço para envio: Maria José do Nascimento
Aguardo contato,

Dorcília Fátima de Oliveira, Divinópolis MG

Parabenizo a revista *Ave Maria* pela inclusão das leituras semanais das missas do mês. Agradecida.

Obs.: Já renovei a assinatura.

Terezinha Monteiro Vilas Boas, Lavras, MG

NA PAZ DO SENHOR

Em Lavras, MG, **Maria Custódia Vilas Boas**, aos 31 de janeiro de 2006, com 87 anos de idade.



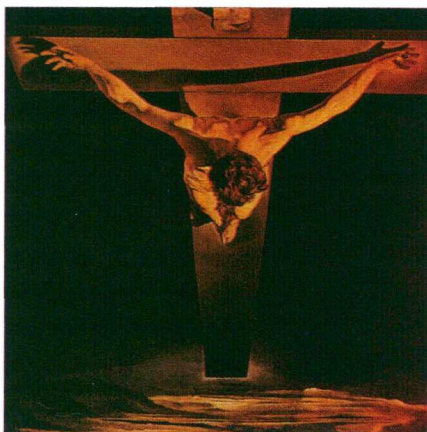
Em Boa Esperança, MG, **Benedita Julia Cabral**, aos 11 de dezembro de 2005, com 62 anos de idade.

Jesus Cristo, o amor encarnado de Deus

Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do seu próprio ser e agir. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo — o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta Carta Encíclica: « Deus é amor » (1Jo 4, 8). É lá que esta verdade pode ser contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.

Jesus deu a este ato de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia. Antecipa a sua morte e ressurreição entregando-Se já naquela hora aos seus discípulos, no pão e no vinho, a Si próprio, ao seu corpo e sangue como novo maná (cf. Jo 6, 31-33). Se o mundo antigo tinha sonhado que, no fundo, o verdadeiro alimento do homem — aquilo de que este vive enquanto homem — era o *Logos*, a sabedoria eterna, agora este *Logos* tornou-Se verdadeiramente alimento para nós — como amor. A Eucaristia arrasta-nos no ato oblato de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o *Logos* encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação. A imagem do matrimônio entre Deus e

Israel torna-se realidade de um modo anteriormente inconcebível: o que era um estar na presença de Deus torna-se agora, através da participação na doação de Jesus, comunhão no seu corpo e sangue, torna-se união. A «mística» do Sacramento, que se funda no abaixamento de Deus até nós, é de um alcance muito diverso e conduz muito mais alto do que qualquer mística elevação do homem poderia realizar.



Temos agora de prestar atenção a outro aspecto: a «mística» do Sacramento tem um carácter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes: «Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão» — diz São Paulo (1Cor 10, 17). A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e,

deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos «um só corpo», fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si. Assim se compreende por que o termo *ágape* se tenha tornado também um nome da Eucaristia: nesta, a *ágape* de Deus vem corporalmente a nós, para continuar a sua ação em nós e através de nós. Só a partir desta fundamentação cristológico-sacramental é que se pode entender corretamente o ensinamento de Jesus sobre o amor.

A passagem que Ele faz realizar da Lei e dos Profetas ao duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo, a derivação de toda a vida de fé da centralidade deste preceito não é uma simples moral que possa, depois, subsistir autonomamente ao lado da fé em Cristo e da sua atualização no Sacramento: fé, culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a *ágape* de Deus. Aqui, a habitual contraposição entre culto e ética simplesmente desaparece.

No próprio «culto», na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária. Por outro lado — como adiante havemos de considerar de modo mais detalhado — o «mandamento» do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser «mandado», porque antes nos é dado.

Extraído da carta encíclica "Deus é amor", nº 12 a 14, de Bento XVI.

O que é uma deficiência?

Palavra "deficiência" evoca ausência, anomalia ou insuficiência de um órgão, de uma função fisiológica, intelectual ou até social. Fala-se de uma deficiência respiratória, visual, auditiva ou cardíaca, em referência ao funcionamento do corpo humano. Fala-se de suprir as deficiências da educação básica ou do atendimento hospitalar no Brasil, referindo-se a uma questão social.



A noção de deficiência é complexa e está associada à idéia de imperfeição, fraqueza, carência, perda de qualidade e quantidade. O termo vem do Latim tardio *deficientia* e significa falta, enfraquecimento, abandono. Seu emprego exige cuidado e reflexão.

A palavra deficiência não é negativa em si mesma e designa uma realidade. Alguns confundem a deficiência com o seu portador ou com o deficiente. Quando a deficiência é assimilada à pessoa, esse termo pode ser usado de forma discriminatória e injusta. A deficiência passa a ser vista como uma mancha, um defeito, uma mácula, uma pecha, uma tara e até como um vício. Importa refletir sobre essa realidade, saber distinguir

e ver a pessoa na deficiência e não a pessoa como um deficiente.

A noção de deficiência ainda é confundida com a de incapacidade. Alguém pode ser considerado parcialmente ou totalmente incapaz de realizar uma atividade em comparação ao que se considera parâmetro normal de um ser humano.

O autismo é considerado como uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas. É caracterizado por um prejuízo na interação social, pela inabilidade em se relacionar com o outro, usualmente combinado com déficits de linguagem e alterações de comportamento. É decorrente de uma vasta gama de condições pré, peri e pós-natais.

Alguém pode ser incapaz de ler e escrever porque tem apenas 2 anos de idade, porque nunca estudou ou devido a uma profunda deficiência mental. O termo deficiência mental não deve ser confundido com doença mental. Pessoas com deficiência intelectual raramente têm problemas de saúde mental. A doença mental diz respeito aos transtornos da mente ou também chamadas psicopatias, como depressão, esquizofrenia, etc.

O meio ambiente e o contexto cultural e socioeconômico incapacitam. Se não houver rampas de acesso num edifício, uma pessoa com deficiência

motora, em cadeira de rodas, não poderá entrar. Se não houver código braile nos botões de um elevador, uma pessoa com deficiência visual não poderá subir sozinho a um determinado andar. A incapacidade é a perda ou a limitação das oportunidades de participar da vida em igualdade de condições com os demais. Pessoas com enfermidades ou deficiências intelectuais, mentais, visuais, auditivas ou da fala e as que têm mobilidade restrita enfrentam barreiras diferentes, cuja superação ou redução exige soluções diferenciadas.

Dificuldades específicas de aprendizagem não são consideradas uma deficiência, mas acabam incluídas nesse grupo dada a convergência das ações de inclusão e adaptação dessas pessoas mesmo se elas não apresentam um atraso generalizado no uso das funções intelectuais. Sua capacidade cognitiva é preservada, porém possuem síndromes e transtornos que afetam seu processo de educação formal e informal. As principais dificuldades de aprendizagem são os distúrbios da linguagem, fala, leitura, escrita, aritmética e psicomotores, além dos distúrbios relativos ao comportamento, como também o transtorno do déficit de atenção ou hiperatividade.

As pessoas com deficiência não constituem um grupo homogêneo, e sim uma realidade complexa e muito presente em todas as sociedades.

Quem é deficiente?

Como nomear as pessoas com deficiência?

Diante dessa realidade complexa, as sociedades construíram termos e expressões para designar, caracterizar e diferenciar as pessoas com deficiência. A lista é enorme: paraplégico, anormal, mongolóide, alienado, aleijado, portador de necessidades especiais, coxo, manco, especial, cego, inválido, surdo-mudo, imperfeito, retardado, débil mental, excepcional, PC, etc. PC, ou paralisia cerebral, é uma desordem do movimento e da postura, persistente, surgida nos primeiros anos de vida por problemas no sistema nervoso central, causados por uma desordem cerebral não progressiva.

Esses termos foram incorporados pela cultura, encontram-se presentes nos dicionários atuais e até no texto bí-

blico. Todas essas palavras e rótulos expressam posicionamentos diante dessas realidades humanas, em diversos contextos históricos e culturais, mais ou menos preconceituosos.

Bem-intencionadas ou rotuladoras, essas expressões podem ser conceitos ou preconceitos. Elas retratam a dificuldade de se nomear, não somente um evento biológico ou acidental, mas todo um relacionamento afetivo e social com o outro, em sua diferença e alteridade. A palavra cego, comum nos evangelhos, pode ser vista como ofensa por quem prefere o termo “deficiente visual”. A palavra surdo, também, para quem o termo “deficiente auditivo” seria mais adequado. A expressão deficiente mental não é bem recebida por quem prefere o termo “especial”, “excepcional”, “deficiente intelectual ou cognitivo”. Outros abominam a expressão “porta-

dor” de necessidades especiais ou de alguma síndrome. Julgam que a pessoa não porta, nem carrega nada. Ela simplesmente é assim.

Cada época introduz novos termos para designar as pessoas com deficiência e condena os termos anteriores. Muitas vezes, a semântica amaciada, pretensamente não discriminatória e bem-intencionada acaba escondendo, e não explicitando uma condição humana e pessoal irreduzível e bem específica. Está-se diante de uma realidade diferenciada, inegável. Mesmo quando os termos empregados parecem ser ou pretendem parecer politicamente corretos.

Não se trata de criar uma cultura da deficiência, um modelo deficitário como parâmetro de vida para as pessoas especiais. Cada um é muito maior do que suas deficiências e suas circunstâncias. Uma

pessoa não deve ser reduzida, nem identificada com seus limites sensoriais, mentais ou motores. Mas ela também não pode ser entendida e acolhida sem eles. Hoje, a tendência é para uma suavização dos termos. A busca sempre renovada de expressões mais adequadas, socialmente positivas, para designar essas condições diferenciadas, não deve ser a ocasião de uma nova alienação. Um dos primeiros passos para transformar em graça o que poderia tornar-se uma desgraça, está na capacidade de nomear sem subterfúgios, as realidades vividas, mesmo se indesejadas, como faz esta CF-2006 sobre “pessoas com deficiência”.



Texto-base da CF'2006.

Uma pessoa não deve ser reduzida, nem identificada a limites sensoriais, mentais ou motores. Mas ela também não deve ser entendida e acolhida sem eles. Hoje, a tendência é a suavização dos termos. A busca sempre renovada de expressões mais adequadas, socialmente positivas, para designar essas condições diferenciadas, não deve ser a ocasião de uma nova alienação.

Um deficiente visual participando da Corrida de São Silvestre, em São Paulo, 2006.





Ressurreição - RAFFAELINO DEL GARBO, 1470-1525.

Páscoa!

Cristo ressuscitou. Aleluia!

Você é maior que seus problemas

Luís Erlin

Três dias na escuridão do túmulo. O silêncio reina, o respiro não existe, a morte se banqueteia feliz, comemora a vitória das vitórias. — *Venci Deus*, pensava ela cheia de si.

Enterrado foi o sonho. Os discípulos se esconderam, também tinham medo de que a morte os vencesse, sem contar a vergonha que sentiam, a aventura chegara ao fim. Alguns, de tão decepcionados, desiludidos, abandonam a comunidade e fogem para bem longe onde ninguém os reconheça como fracassados.

Da cruz ao túmulo, um rastro de sangue que não se apagava.

Autoridades religiosas e públicas festejavam o fim de uma ameaça. — *Aquele que pregava a vida morto está!*

A pedra separou mãe e filho, os discípulos, de seu mestre, a esperança, dos pobres que vagavam pela vida da dor mais profunda, ao constatarem que tudo havia passado.

A mãe abraçada na túnica do fruto falecido recordava todas as coisas em seu coração, sentindo ainda latejar de dor sua alma pela sétima e mais cruel dor. Ela soube diante da espada consolar os amigos desesperados de seu filho.

Banhando com lágrimas o jardim próximo à pedra estava Madalena. Chorava a falta sentida do Amor que não a condenou, nem julgou.

Era a madrugada do primeiro dia da semana. As trevas da noite escura adotaram o título de rainhas do universo.

Naquela manhã, surge um novo amanhecer.

— *Ele não está aqui, diz o anjo, ressuscitou como havia dito!*

Essa bela história nós conhecemos e recontamos, sabemos pela fé que Cristo venceu a morte. Que a vitória nos foi garantida, que nada pode apagar de nós a esperança, que nada pode nos vencer.

Nós professamos nossa fé.

Mas por que somos tão frágeis diante das noites escuras da vida?

Por que enterramos o sonho quando é hora de sonharmos ainda mais forte?

Por que nos rendemos quando é hora de lutar?

Por que procuramos nos esconder quando é hora de enfrentar?

Por que fugimos quando é hora de ficar?

Por que choramos quando é hora de olhar pra frente?

Por que nos prostramos quando é hora de estar em pé?

A resposta é clara, por vezes abraçamos a dor, a morte, os problemas, as desilusões, as cruces, e nos esquecemos da fé que professamos. Não somos capazes de perceber que dentro de nós habita o Espírito de Deus que quis nos incluir em sua vitória. Geralmente somos nós que alimentamos a falta de esperança diante da escuridão da vida, somos nós que cavamos nossa cova quando dizemos: *não há mais solução; fui vencido; já não espero mais.*

No leito de morte, a mulher cheia de dores por uma doença terminal, no momento da unção apertou o crucifixo de seu peito e me disse com um sorriso sereno:

— *Padre, eu creio! Nada é capaz de tirar minha paz!*

Ela compreendeu a maravilha da ressurreição de Cristo!

Alegrai-vos no Senhor! Nós somos maiores que nossos problemas!



Luís Erlin é sacerdote missionário claretiano.
Correspondência: luiserlin@bol.com.br

Páscoa: a vida vence a morte

Regina Maria de Almeida

Páscoa vem do grego “**pascha**” (do hebraico “**pesah**”. Quer dizer “**passagem**”). Para os judeus, é a festa da libertação do jugo egípcio. Para os cristãos, é a celebração da vitória de Jesus Cristo sobre a morte. A ressurreição de Cristo, o Cordeiro imolado no dia 14 do mês de Nisã (Jo 18,28; 19,31.36; Ex 12,46), constitui o elo entre as duas festividades.

A opinião dos estudiosos é que a Páscoa foi, originalmente, uma festa comum de pastores que celebravam o nascimento de ovelhas na Primavera. Ela teria sido incorporada como festa sagrada pelos judeus após o episódio do Êxodo, juntamente com a festa dos Ázimos, ligada às colheitas.

Os primeiros cristãos herdaram essa festa dos judeus e, talvez já no fim do primeiro século, começaram a celebrar o domingo de Páscoa como domingo especial. Na noite que precedia esse dia, toda a comunidade ficava reunida. Lendo trechos do Antigo e do Novo Testamento, comemoravam a obra salvífica de Deus, a história da Salvação, a partir da criação do mundo, através da libertação do povo hebreu da escravidão do Egito, até chegarem, já ao nascer do Sol, às passagens sobre a ressurreição de Cristo. Conscientes da presença do Senhor Ressuscitado, celebravam então a Eucaristia.

Hoje, continuamos fazendo essa memória especial da vida, morte e ressurreição de Jesus na Semana Santa. Também, há um tempo de preparação (quaresma) e de finalização (pentecostes).

O cume do ano litúrgico é a Vigília Pascal, o Sábado Santo. Nele, realizamos a Celebração da Luz (acendemos nossas velas no Círio Pascal), as Liturgias da Palavra (como os primeiros cristãos), do Batismo (renovação da Aliança com o Deus da Vida) e Eucarística (participação com Cristo no banquete escatológico).

É possível falar em caminho da cruz hoje?


Esse tempo riquíssimo de experiência pascal nos faz pensar... Falar, hoje, sobre a Paixão de Jesus, parece um desafio maior que há algumas décadas. É difícil entender o sofrimento de Jesus num mundo globalizado, onde a cultura ocidental faz do prazer a grande meta da sociedade.

Ao contrário da Idade Média, em que a dor era uma virtude a ser enaltecida, hoje não se tem muita paciência nem determinação diante dos obstáculos. Saímos de um extremo e caímos em outro. Trabalhar se tornou um fardo, que o controle remoto pretende solucionar... E, então, engordamos, ficamos doentes e preguiçosos. Qualquer prenúncio de dor é motivo para se utilizar um arsenal sem fim de remédios – a preços nada baratos.

O que o caminho da cruz poderia nos ensinar hoje? Em primeiro lugar, que nascemos para a ação. O ócio não faz parte da condição humana, e sim o movimento, a realização, a coragem. O corpo sem exercício fica doente; a mente sem exercício fica retrógrada; a falta de cumplicidade e interação com os outros nos torna solitários e depressivos. Portanto, nada de ficar em frente à TV horas a fio vendo os outros viverem. Cada um é o herói de sua própria história!

O caminho da cruz é difícil porque nos impele a pensar diferente. E isso não dá muito lucro, pois deixaremos em segundo plano os controles remotos para estar junto com os outros... Ficaremos menos doentes. Descobriremos, então, que não dá para viver bem sem terra, sem saúde, sem trabalho, sem comida... Unidos a outros inconformados, exigiremos justiça. Aí, o caminho da cruz se tornará subversivo, levando à perseguição...

Mas, será difícil esquecer o novo que se vislumbrou. Por causa dessa utopia, finalmente descobriremos que o **caminho da cruz é caminho de ressurreição, pois gera a vida...**

Que saibamos viver esse caminho com alegria... Se ele é triste, é porque a cruz que carregamos não é profética... É criada por nós mesmos... 

*Regina Maria de Almeida é teóloga leiga, assessora bíblica popular do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) em São Paulo.
www.partilhando.com.br - reginama6@uol.com.br*

CASAIS DE SEGUNDA UNIÃO: *de igual dignidade... de igual esperança...*

Nilton César Boni

O grande e central mistério da Encarnação é que Jesus veio para todos e "para que todos tenham vida em plenitude" (Jo 10,10). Ao tornar-se ser humano como nós, assumiu nossa fraqueza para que nos tornássemos fortes. Assumiu nossa mortalidade para revelar o grande amor presente na Ressurreição. Olhou para nós com misericórdia e na cruz batizou-nos com o Espírito Santo.




A Igreja, consciente da sua missão, continua a obra do Redentor. É convidada a alimentar a esperança dos que se sentem desanimados diante das adversidades da vida mundana. É chamada a acolher a todos e a olhar a vida com os mesmos olhos de Jesus, os olhos do amor, da ternura, da graça, da misericórdia, da compaixão.

Ao abordar um tema tão controverso e complexo como este, quero em primeiro lugar exaltar a imagem dos casais de segunda união, destes cônjuges que buscam a todo custo vencer os preconceitos e os olhares primitivos do mundo, dos cristãos, dos católicos, dos que se crêem "certos", dos que se dizem melhores porque são "sacramentados". Neste mundo cheio de conflitos e sofrimentos ninguém é mais santo ou mais digno de receber Jesus, todos sem exceção possuem igual dignidade e igual

esperança. A ninguém é dada autoridade de se colocar nas primeiras fileiras e bater no peito dizendo "eu não sou pecador". A ninguém é dado o poder de fechar as portas da Igreja a ninguém. Se Jesus as abre, não deveríamos olhar para nossos irmãos com os olhos do Bom Pastor e dizer-lhes sejam bem-vindos? Se fecharmos as portas para Cristo, ele vai a outros que o desejam. Não podemos perder pessoas tão especiais que se dedicam às nossas comunidades e que em tudo contribuem para que Deus seja conhecido, amado e servido.

E, para que Jesus seja amado, é preciso haver unidade que começa com pequenos gestos de acolhida. Os nossos irmãos de segunda união são especiais, pérolas preciosas como você e eu. Nossas paróquias e dioceses, nossos padres e bispos têm o dever de estender os braços, rever uma série de posturas e doutrinalismos e valorizar os que vêm para

somar. Precisamos aliviar os sofrimentos do tempo presente. A condenação é uma mesquinha atitude de quem se crê perfeito. Os olhares preconceituosos só contribuem para a discórdia, matam Cristo. Ao passo que um coração livre e amoroso só traz a felicidade, enriquece e alivia as adversidades. O amor é a única maneira de conhecer a Deus. Começa dentro de casa e se estende além-muros, além-doutrinas. É hora de despertar, acordar para realidade, construir a civilização do amor e da paz. É um tempo novo que clama por mudanças sinceras. Se o grão de trigo não morrer, não produz fruto. Se os preconceitos não morrerem, não haverá esperança, nem perdão, nem luz.

Eu acredito que podemos ver Deus nestes lares, nestas famílias que buscam a felicidade, que desejam viver a vida como um mandamento novo. Esta esperança é a certeza de que o Redentor permanece, abençoa e acolhe com carinho todos os filhos de Deus. Sou testemunha de que é possível formar uma Pastoral Familiar com a colaboração de todos: casados, descasados, segundas núpcias, etc. O que importa é ver Deus no outro e levar o outro a Deus. 

Pe. Nilton César Boni, cmf
Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Luz – Pinhais-PR.
niltonboni@bol.com.br

Poderosos, mas impotentes

Pe. Zezinho, scj

Para os padrões da época, Holofernes era um gigante e Davi um menino. Mas o estilingue de Davi o derrubou. Saul era poderoso e Davi não tinha exército. Mas Davi entrou na tenda de Saul e só não o matou porque não quis. Pequenas serpentes derrubam poderosos animais e pequenos grupos podem ferir gravemente um povo poderoso. Independente de afirmar quem está certo e quem é mais cruel, fatos são fatos. O atual Governo americano precisa agir como um Governo irado, porque uma parcela poderosa dos Estados Unidos está irada e não vai admitir outro 11 de setembro. Gigantes não admitem serem desafiados. O governo que não fosse atrás de quem desafiou a nação americana seria deposto em pouco tempo.

Mas há maneiras de governar e de ir ao encalço do inimigo. Entre o povo americano, há milhões que garantem que há outro jeito diferente do que tem sido o jeito do governo Bush. Este parece um touro ferido, atacando qualquer um que segure alguma bandeira que o incomode. Invadiu o Afeganistão, depois o Iraque e antes que resolvesse a questão nesses países já declarou seus dois próximos desafetos: Coreia do Norte e Irã. De cifrada em chifrada, o touro acaba acertando algum toureiro, mas vai errar 99% das chifradas e provavelmente cairá de cansado, à medida que continuar recebendo estocadas em pontos letais.

Os terroristas procuram exatamente isso. A estratégia é cansar os americanos

e levá-los a gastar o que não podem, já que o atual governo não conseguiu as alianças que desejava, ou achou que podia lutar sem elas. Confiou demais no seu poderio bélico contra homens e mulheres dispostos a morrer matando.



Bush acha que está salvando a humanidade com sua guerra, que considera justa. Os terroristas acham que salvam o futuro de seu povo ou de sua fé, ao morrer matando milhares de inocentes. Inocentes são também muitas pessoas bombardeadas por engano de computadores ou de pilotos.

O que está acontecendo com nossos irmãos norte-americanos de formação cristã é que não têm usado de métodos muito cristãos na sua ira. Os terroristas muçulmanos que também são nossos irmãos, equivocados no seu ódio sem limites, pecam pelo desejo de sangue. Usar o nome de Deus nesses casos é imaginar que Deus aprova aquelas bombas ou aqueles atos de terrorismo. Ele prefere o diálogo. Mas os guerreiros fazem a guerra e mandam seu povo pagar as contas. Matam e garantem que Deus faria o mesmo. É que o ódio é tão duro que não se ajoelha nem se curva e raramente raciocina. Guerra de retaliação não admite o perdão. Não o admitindo, não admite Deus. Era de se esperar depois de vinte séculos de cristianismo e catorze de islamismo, uma sociedade menos primitiva e religiosos menos primitivos.

Deveríamos ter evoluído para o perdão, mas evoluímos para a guerra digitalizada. Mata-se de longe. O inimigo conhece o rosto de quem mandou matar seus filhos e parentes, mas não vê o rosto de quem executou a sentença. Acontece que nem a vingança nem o terror se importam com rostos humanos. Bebês, enfermos, jovens, adultos ou crianças não contam. Contam as armas e o dividendo político. Guerra rima com luta pela terra. Mas não rima com misericórdia. Esta, sim, rima, nasce e se alimenta da discórdia! E discórdia quer dizer ausência de coração. Precisa dizer mais?

Pe. Zezinho é escritor, compositor e conferencista.

Nesses tempos de cólera em que vivemos, eu fico meio constrangida de falar em fome. Não por medo nem porque ela não exista, mas por causa do discurso neoliberal que se introduziu na sociedade, onde falar em fome é ser seguidor de doutrinas anacrônicas, fazer parte das minorias perdedoras ou torcedor do “quanto pior melhor”. Eu sei que as pessoas gostam de ler crônicas melosas, que falam dos rios da Dinamarca ou da beleza das florestas da Alemanha. Mas é preciso falar da fome que existe aqui... Há tempos surgiu na América Latina, uma excrescência chamada “Manual do Perfeito Idiota”, sobre o qual nem vale a pena falar, em que são relatados alguns assuntos, ditos e denúncias contra o neoliberalismo, que, segundo os autores, caracterizam seus autores como “perfeitos idiotas” pelo simples fato de se insurgirem contra a exclusão que essa nova e mais cruel face do capitalismo produz. O vetusto economista Milton Campos de nada saudosa memória, era um dos vanguardeiros dessa ideologia. Dentre os tantos itens capazes de dar a alguém o

A fome das crianças

Carmen Sílvia Machado Galvão

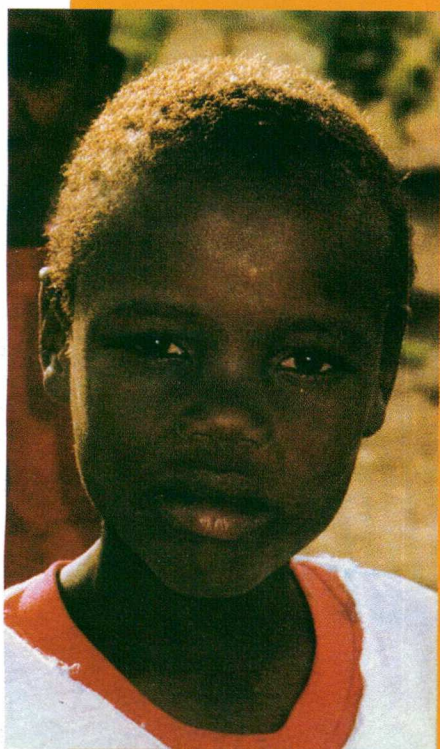
cognome de “perfeito idiota”, está o que vou falar hoje: as crianças, no Brasil, que passam fome. Fontes da OMS dão conta da existência, na América Latina, de 16 milhões de crianças com atraso no crescimento por causa da fome. Segundo esses dados, que fazem parte do Estudo de Segurança Alimentar e Nutrição, apresentado na Reunião de Cúpula Mundial da Alimentação, em novembro 2002, em Roma, na Itália, existem 6,7 milhões de crianças famintas e 1,8 com emagrecimento doentio. Segundo a FAO, no Brasil cerca de 20% da população infantil sofre de desnutrição. Os bem nutridos descendentes de imigrantes, que costumam ser mostrados em propagandas políticas, para exibir a qualidade de vida dos gaúchos, não são as únicas crianças aqui.

Contrário a tanta propaganda ufanista, há um relatório da UFRGS, que, usando padrões internacionais, descobriu que 69,5% das crianças de vilas e favelas, em nosso estado, sofriam de nanismo, isto é, tinham estatura inferior àquela preconizada pela idade biológica. O documento da FAO e da OMS faz negras projeções para o futuro dos que sofrem com a falta de comida: “Temos 300 milhões de vítimas da fome, no mundo do ano 2020”. O que me entristece é aparecer pessoas dizendo que essa disparidade é natural, e que o pobre é responsável por sua penúria. Estudos feitos em

uma vila de Porto Alegre mostram que 12,1% de crianças eram nanicas. Outro levantamento, feito em Passo Fundo mostrou que 15,2% dos alunos da rede municipal de ensino tinham altura aquém da necessária para a idade. Há, sem dúvidas, uma relação entre o nanismo das crianças e a renda familiar. Curiosamente, a fome é um problema social de origem política. Pode-se acabar a fome resolvendo problemas como ausência de emprego, defasagem salarial, má distribuição da renda e da terra, etc. E o trágico de tudo isto é que quem não passa fome, quem nunca sentiu essa carência e o drama de não poder mitigá-la, não se sensibiliza com o problema. Quem não passa (ou não passou) fome não imagina que haja pessoas famintas. Isto não é maldade, mas insensibilidade, falta de visão periférica. Há quem só se aperceba da tragédia quando passa a vivê-la. Lembrar a rainha Maria Antonieta? Se o povo não tem pão, por que não come bolo? Ela não era uma mulher má, mas frívola, sem visão social e essa cegueira – que existe em muitos de nós – impede a participação na causa dos famintos. A violência, que cresce a cada dia, nada mais é que uma resposta do miserável, do faminto, do desempregado, à insensibilidade oficial e social. Só participando, de fato, a sociedade pode reverter esse quadro tão ameaçador. A participação de todos no bem-estar de todos é um dos cinco princípios da democracia e da sobrevivência.



Carmen Sílvia Machado Galvão – socióloga



A mística católica e o desafio inter-religioso

Maria Clara Lucchetti Bingemer

A mística inter-religiosa vai-se firmando hoje como nova e importante área dentro das Ciências da Religião. E isto certamente tem grandes e surpreendentes repercussões na experiência mística cristã dos tempos atuais e na releitura das experiências místicas cristãs de todos os tempos.

Esperamos que, seguindo estes caminhos, possamos chegar, senão a um novo paradigma, ao menos talvez a um paradigma muito antigo e mesmo primordial que hoje, revisitado, se levanta com nova força, novo rosto e chega por novas vias ao sentimento religioso nosso e de boa parcela do povo de Deus.

Sendo todas as experiências autenticamente místicas distintas formas de aproximação do Mistério Fundamental que é Deus, uma teologia cristã das religiões ou da mística inter-religiosa implicará o reconhecimento da legitimidade destes diversos caminhos ou percursos em direção à comunhão com o mesmo Mistério Fundamental.

A mística cristã hoje é diretamente interpelada pelas experiências místicas e espirituais de outras religiões. Os numerosos estudos que vão mais e mais aparecendo neste campo comprovam o que acabamos de afirmar. Mais: pode-se perceber nas experiências e escritos de muitos dos maiores místicos cristãos a presença autêntica e real de intuições, imagens e contornos contraditórios

igualmente em outras tradições. Isto não faz com que tal mística deixe de ser cristã ou perca em autenticidade, mas demonstra que cada pessoa é situada num determinado contexto cultural e recebe a influência deste sem disto tomar ciência em nível consciente.

Demonstra igualmente que a experiência de Deus que se encontra no coração mesmo da identidade da mística cristã não se torna diminuída ou difusa ou menos consistente pela influência que recebe de alhures. Mas, pelo contrário, dá e alcança toda a sua medida ao encontrar elementos de sintonia provindos de seres humanos que provaram profundamente a proximidade e o amor de Deus, ainda que oriundos e filiados a outras tradições religiosas. Existe, sem dúvida, algo que apenas a religião do outro, na sua diferença, pode ensinar, ou transmitir: às vezes, um ponto ou uma dimensão que vamos descobrir na nossa experiência religiosa e do qual não nos havíamos dado conta. Por aí desejaríamos que se desse nosso percurso.

Queremos destacar, dentro daquilo que afirmamos, algumas interfaces que acontecem nas experiências de alguns místicos cristãos em confronto com outras religiões monoteístas: o Judaísmo e o Islã. No centro destas três tradições, está presente um único Deus e isso nos fornece – parece-nos – material mais propício e terreno menos move-dido para refletir num campo onde

ainda quase tudo está por fazer. A experiência mística, no fundo, não é senão a experiência do amor que revolve as profundezas da humanidade pela presença e a sedução da alteridade. Quando a alteridade é a religião do outro, há todo um caminho a ser feito em direção a uma comunhão que não suprime as diferenças, enriquecedoras e originais, mas encontra, na sua inclusão, um “novo” no qual se pode experimentar coisas novas do mesmo Deus. Essa inclusão, a nosso ver, pode ser percebida de forma mais explícita em termos do entrelaçamento das diferentes experiências místicas das três tradições mencionadas. Tendo em comum a crença num só Deus e acontecendo igualmente em regiões e culturas onde a proximidade e a convivência facilitam e mesmo convidam à intersecção, oferecem material de grande interesse para o que aqui nos propomos refletir.

A experiência de um Deus pessoal e imanipulável, que as três religiões monoteístas ofereceram e oferecem como tesouro aos seus místicos, permite que entre estas três tradições se instaure um aprendizado fecundo, o qual, nos dias de hoje, pode enriquecer e efetivamente enriquece não só a experiência mística cristã em si mesma, como também a reflexão teológica que sobre ela se faz.

Maria Clara Bingemer é autora de "A Argila e o espírito - ensaios sobre ética, mística e poética" (Ed. Garamond), entre outros livros. (www.users.rdc.puc-rio.br/agape)



Ensino religioso: busca permanente

Antonio Boeing

sua especificidade. A partir das múltiplas contribuições de especialistas das Ciências da Religião e do ER, alguns aspectos comuns foram sistematizados pelo Fórum Nacional do ER, que afirma: “o ER, como área do conhecimento da Base Nacional Comum, tem como objetivo de estudo o fenômeno religioso, e o conhecimento veiculado é o entendimento dos fundamentos desse fenômeno que o educando constata a partir do convívio social”. E, entre outros aspectos define: “Por fenômeno religioso, entende-se o processo de busca que o ser humano realiza na procura de transcendência, desde a experiência pessoal do Transcendente até a experiência religiosa na partilha de grupo; desde a vivência em comunidade até a institucionalização pelas Tradições Religiosas”. A compreensão do ER dentro dessa perspectiva valoriza o pluralismo e a diversidade cultural presentes na sociedade brasileira e em decorrência na sala de aula, não tem como objetivo levar os alunos a se tornarem adeptos de uma ou outra religião, mas sim, despertar o potencial presente em cada um e motivá-los a abrirem-se ao Transcendente. Tendo presente essa concepção muitas escolas trabalham com uma clara distinção entre ER, Pastoral Escolar e Catequese.

Claro que esta delimitação não é tão nítida, pois há inúmeras variantes entre as três maneiras de organizar as múltiplas atividades do ER, às vezes, há uma mescla entre as diferentes concepções. Então, como agir? A Associação de Educação Católica, AEC, tem consciência de sua função de articular, animar, incentivar, promover debates, encontros e seminários sobre o processo educativo nas

diferentes áreas, respeitando a autonomia e carisma de cada escola.

As ações no cotidiano não são tão simples, pois o trabalho do ER se dá a partir da relação com a transcendência, objeto que não é possível enquadrar numa definição única, sectária e absoluta, como bem afirma o pesquisador do campo religioso, Rudolf Otto (1869 -1937): “Se existe um domínio da experiência humana em que apareça alguma coisa particular ao mesmo e que não possa ser observada em si, esse domínio é a religião”. Acreditamos que ele tem razão nessa afirmação, pois a religião desempenha papel fundamental na organização da vida e se dá de forma complexa.

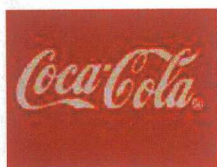
É dentro da complexidade e das infinitas inter-relações de todos os fenômenos que devemos entender o ER na sua busca permanente. Mas, ninguém vive só de busca, pois é impossível vivermos sem referenciais palpáveis e, se os referenciais não estiverem presentes na vida, fica difícil ou impossível aproximar-se daquilo que somos ou ainda, temos dificuldade na construção do Ser em meio à complexidade. Dentro dessa perspectiva, há sim um longo caminho, já percorrido por inúmeros profissionais do ER, que legitima algumas indicações para esta busca, as que mais se destacam vão no sentido de que o ER seja cada vez mais reconhecido como área indispensável no processo educacional.



Prof. Antonio Boeing é membro da coordenação do Curso Ciências da Religião das Faculdades Claretianas - São Paulo - religião@claretsp.com.br

O Ensino Religioso (ER) em nossas escolas se concretiza basicamente a partir de três concepções. Há as que o entendem como sendo o espaço privilegiado de catequese, lugar para viabilizar os princípios fundamentais da doutrina católica, sendo assim uma atividade pastoral; uma outra maneira desenvolvida pelas escolas se dá a partir de uma concepção ecumênica, articula tanto nos objetivos como no conteúdo programático os aspectos comuns das Igrejas Cristãs; o terceiro grupo de escolas são as que compreendem o ER como espaço curricular para reler o fenômeno religioso no contexto da realidade sociocultural, respeitando o pluralismo e entendem, também, a religião como uma forma de conhecimento sistematizado historicamente e que deve ser socializado.

As reflexões e busca de novos horizontes para o ER se intensificaram nos últimos anos, contudo, não há consenso quanto a



SIGNOS &

Frei Betto

O produto é o signo de algo bem mais cobiçado do que ele: virilidade ou feminilidade, cultura, status, glamour, etc. Como a meditação e a droga, o consumismo nos oferece a possibilidade de aceder diretamente à experiência de nos transcender.

As mãos erguidas do sacerdote exibem uma esfera branca, algo que lembra uma cartolina. É o momento mais solene da missa. Para os fiéis, trata-se da hóstia, feita de trigo sem fermento. Contém a presença viva de Deus. Para outros, simples gesto litúrgico. Para todos, um signo, de onde deriva a palavra significado. Sinônimo de sacramento, objeto sensível que traduz realidade invisível. Se agrega, o signo é símbolo.

Nem todos os signos revelam, ou seja, desvelam aos nossos olhos o que se encontra velado. Muitos servem para dissimular ou camuflar, como nomes e logomarcas de empresas. Não são brasileiras a Volkswagen do Brasil nem a Esso Brasileira de Petróleo. O signo, entretanto, imprime uma adjetivação que “nacionaliza” o produto, induzindo o público a dissociar a filial da matriz estrangeira.

Há uma ciência de manipulação da força contida no signo, a semiurgia. Ocorre quando se “planta” uma notícia na mídia. Como, por exemplo, um jantar para homenagear um político. “Planta-se” a notícia de modo a projetar o nome do político, sem que se indague a razão ou a justificativa da homenagem. O signo é “plantado” para que exista seu significado.

Há signos criados para sustentar o que já não existe. É o caso do Latim na liturgia católica. E dos termos ininteligíveis em discursos acadêmicos. Funcionam, não como palavras, mas como sons que desencadeiam uma reação emocional.

Em geral, os signos são arcaicos. Evocam um passado idílico, provocando interesse, como os funerais de João Paulo II. Por isso, usa-se o Latim, uma língua morta, como os latinos usavam o Grego... A figura do “bom selvagem” dos escritores românticos do século XIX surge quando a natureza cede lugar às chaminés das fábricas. Hoje, a

SÍMBOLOS

consciência da degradação ambiental produz o movimento ecológico, em favor da preservação do meio ambiente.

Freud e Nietzsche viram na origem do signo não uma referência, mas uma ausência. Ausência do “reprimido” para Freud e do “esquecido” para Nietzsche. O pai assassinado ganha força simbólica, assim como tudo aquilo que hoje é sacrificado e, amanhã, venerado. É a diferença que marca o signo. E este é o propósito da publicidade: fazer parecer diferente o que é igual.

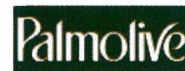
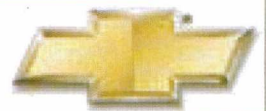
Nunca se falou tanto em amor como nessa sociedade desprovida de sentimentos. Houvesse verdadeiro amor, não haveria tanta indiferença perante nossos semelhantes que esmolam nas ruas e padecem na miséria. Partidos centralizados insistem no discurso da participação e da autogestão. A poética do discurso dissimula o que na prática está ausente. No clipe publicitário, a imagem do pai e da criança acentuam que certas coisas não têm preço... convencendo o consumidor a pagar caro pelo produto. Na propaganda, as coisas adquirem valor de signos e os signos tornam-se a entidade das coisas. “Diamond is forever” – o diamante é para sempre.

O espiritualismo em moda não é reação, é legitimação idolátrica do neoliberalismo. O culto ao progresso, à prosperidade, produzem uma mística e uma metafísica totalizantes. Xamãs e feiticeiros, I Ching e astrologia, associavam outrora a posição das varetas ou dos astros ao nosso futuro. Hoje a publicidade condiciona a nossa felicidade à aquisição de uma maionese. O zen ensina que o antes e o depois são conceitos relativos ao espírito. A publicidade inverte a temporalidade ao relativizar o crédito, “desfrute agora e pague depois”.

A Revolução Industrial gerou significantes como a marca. Atualmente produz significados psicológicos, como a variedade, o exotismo, a jovialidade. Somos compelidos a adquirir, não apenas um objeto, mas com ele ideais, valores, aspirações, sensações. O produto é o signo de algo bem mais cobiçado do que ele: virilidade ou feminilidade, cultura, *status*, *glamour*, etc. Como a meditação e a droga, o consumismo nos oferece a possibilidade de aceder diretamente à experiência de nos transcender.

Agora, a razão cede lugar ao desejo. “Penso, logo existo” dá lugar ao “consumo, logo existo”.

Frei Betto é escritor, autor de “A Obra do Artista – uma visão holística do Universo” (Ática), entre outros livros.



Vinde e vede!

“Igreja vive da eucaristia”. Essa afirmação do Papa João Paulo II, na encíclica que publicou na Quinta-feira Santa do ano da graça de 2003, renovou no coração de todos nós, da Arquidiocese de Florianópolis, uma certeza: foi acertada a decisão de aceitarmos preparar o 15º Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em 2006. Portanto, se “Ecclesia de Eucharistia” é importante para toda a Igreja, mais o é para nós. Com renovada disposição, queremos gritar ao Brasil: Ele está no meio de nós! Portanto, Vinde e vede!

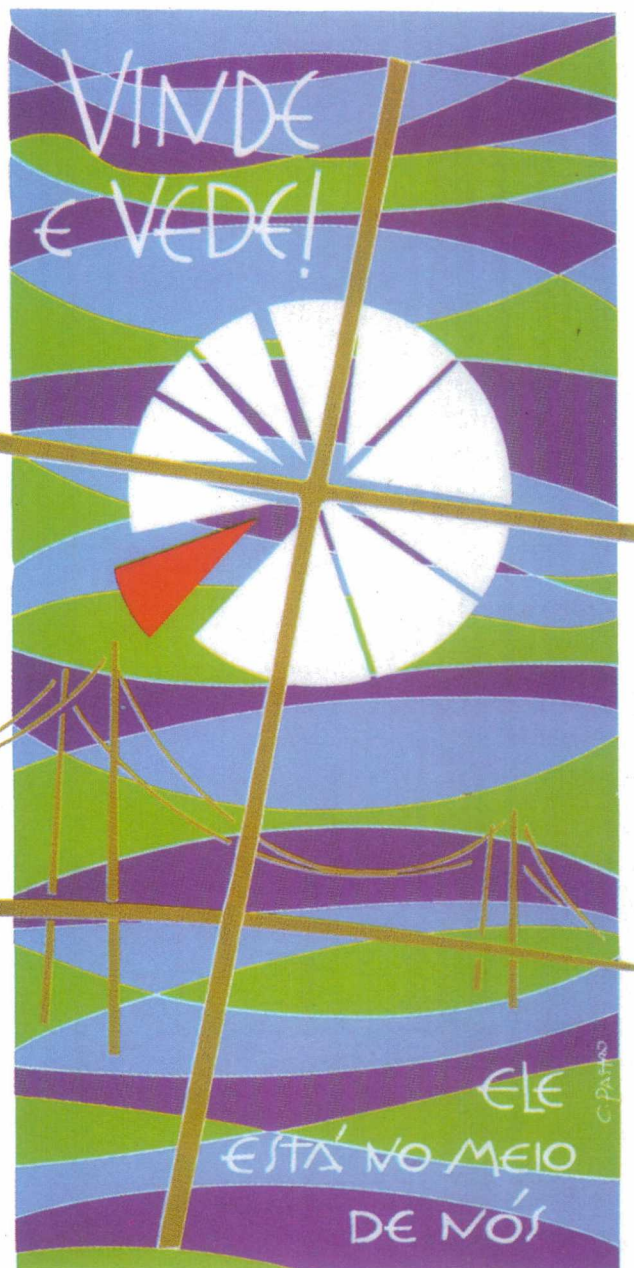
Há diversas formas da presença de Cristo no mundo e na Igreja. Merece destaque, contudo, sua presença sob as espécies do pão e do vinho, no sacramento da Eucaristia. Já o apóstolo Paulo havia recordado as circunstâncias dramáticas em que nasceu esse sacramento: “O Senhor Jesus” o instituiu “na noite em que foi entregue”. Não se trata apenas de um dom, embora precioso, mas daquele que é “o dom” por excelência, porque dom de Jesus Cristo mesmo, de sua pessoa. Que mais poderia ele ter feito por nós? (cf. *Ecclesia de Eucharistia*, EE, 11).

A Eucaristia edifica a Igreja. Participando do sacrifício de Cristo, não só o recebemos, mas também ele recebe cada um de nós. “O que é o pão? É o corpo de Cristo. E em que se transformam aqueles que o recebem? No corpo de Cristo” (S. João Crisóstomo - 407). Num mundo marcado pela desintegração, contrapõe-se a força da comunhão que nasce da participação na mesa do Senhor.

Os evangelistas, especialmente os três primeiros (Mateus, Marcos e Lucas), referem-se à simplicidade e ao mesmo tempo à dignidade com que Jesus, na noite da última Ceia, instituiu este grande sacramento. Pediu aos apóstolos uma cuidadosa preparação da sala necessária para comer a ceia pascal. Hoje, somos nós, desta Arquidiocese que tem uma história quase centenária, que somos convidados a fazer uma preparação adequada para o grande banquete, para o qual todo o Brasil já está sendo convidado.

Demonstraremos entender a Eucaristia, esse pão repartido em nossos altares, quando dela participarmos com a humildade, a fé e a consciência do centurião do evangelho, que disse: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo”. Demonstraremos entender a importância de um Congresso Eucarístico Nacional quando nos dispusermos a colocar todas as nossas forças e todo o nosso amor em sua preparação. Estejamos convictos: antes de quaisquer outros, a nós mesmos é feito o convite: Vinde e vede! Como não aceitá-lo se Ele, Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo, o Redentor do gênero humano, a testemunha fiel, está no meio de nós?...

D. Murilo Krieger, scj, Arcebispo de Florianópolis, SC.



15º Congresso Eucarístico Nacional

O primeiro Congresso Eucarístico aconteceu em 1881, na França, por iniciativa de algumas pessoas cristãs, amantes de Jesus Eucarístico. Depois se espalhou para outros países.

No mundo, já aconteceram 48 Congressos Internacionais. O último foi realizado em Guadalajara, no México, com o tema: *Eucaristia, Vida e Luz para o Mundo*.

No Brasil, o 1º Congresso Eucarístico Nacional aconteceu em Salvador, BA, em 1933, e o último foi em 2001, na cidade de Campinas, SP, com o tema: *Eucaristia, Fonte de Missão e Vida Solidária*.

O Papa João Paulo II esteve presente em dois Congressos brasileiros: em Fortaleza (1980) e em Natal (1991).

O grande anúncio do Congresso é o cartaz (na página ao lado). Ele propaga ao Brasil inteiro o que vai acontecer.

O tema: *Ele está no meio de nós!*

O lema: *Vinde e vede!*

Florianópolis é uma cidade circundada por água. No cartaz essa água aparece formando vários peixes coloridos, lembrando-nos do alimento do Ressuscitado junto com seus discípulos.

A água é sinal do nosso Batismo, que nos compromete a pertencermos a uma comunidade como irmãos e filhos do mesmo Pai.

A ponte liga duas margens. É lugar de passagem e de entrada para a celebração do grande mistério. A passagem nos lembra a Páscoa dos judeus, que recorda a libertação da escravidão.

O cartaz é perpassado por uma grande cruz. É dela que brota a Eucaristia, pois de seu lado direito, ao ser transpassado pela lança, brotaram sangue e água.

A Eucaristia é o maior tesouro da Igreja Católica. É o próprio Jesus presente no meio do Povo.



Hino do 15º Congresso Eucarístico Nacional

Refrão: Vinde e vede, vinde!
Ele está no meio de nós!
Ele está no meio de nós!

Como a André e a João, que perguntavam:
"Onde moras, Senhor, onde é que estás?" (Jo 1,38),
recebemos da Igreja esta resposta:
ele mora entre nós e tem a paz!

2. Ele, o Filho, "a Palavra se fez carne" (Jo 1,14)
e assumiu nossa humana condição:
nossa vida viveu e nossas lutas
e, agora, entre nós, se dá no pão!

3. "Tomai todos, comei, isto é meu corpo,
é meu sangue, tomai, todos bebei!" (Mt 26,26-28).
Como eu fiz, aprendei, o amor se entrega:
vossa vida entregai, se o pão comeis!

4. Vive a Igreja da santa Eucaristia,
que é a fonte e a meta da missão
(SC, n. 10 e LG, n. 11):
fonte de onde ela haure sua força,
culminância da evangelização!

5. "Onde dois e outros mais estão reunidos
em meu nome, entre eles estarei" (Mt 18,20):
"até o fim eu estou sempre convosco,
até o fim eu jamais vos deixarei!" (Mt 28,20).

Na Palavra, eu também estou presente: toda a Bíblia me aponta, a mim
conduz! (cf. Jo 5,39).

"Quem me segue, não andarás nas trevas" (Jo 8,12),
sou a vida, a verdade, sou a luz! (cf. Jo 14,6).

7. No mendigo, no preso, estou presente, no doente, faminto, no sem lar: "cada
vez que a um deles socorrestes é a mim que viestes ajudar" (cf. Mt 25,31-46).

8. Nos apóstolos e em seus sucessores, continuo a falar-vos com amor: "se os
ouvis, é a mim que estais ouvindo" (Lc 10,16), se os seguís, vós seguís o bom Pastor!

9. Tantas são as maneiras da presença, da presença daquele que é o Senhor: a
presença real no sacramento é sinal, é o penhor do seu amor!

10. Nesta ilha, o Senhor prepara a mesa, o Brasil aqui vem para o encontrar:
Florianópolis alarga as suas pontes, vinde aqui, vinde todos adorar!

Pe. Ney Brasil Pereira

Indignação e autocontrole comunicativo

Francisco Gomes de Matos

expressões usadas em nossa cultura, quando alguém se comunica descontroladamente. Eis uma breve fraseologia, a ser complementada pelos leitores:

“Sei que perdi as estribeiras, mas minha indignação é tal que...” / “Como não tenho papas na língua, digo logo o que estou pensando, doa em quem doer...” / “Com gente assim, só vale olho por olho, dente por dente...” / “Como eu não levo desaforo para casa, dei logo o troco...” / “Uma pessoa que faz isso não deveria estar aqui na Terra” / “Como estou indignado(a), lá vai chumbo grosso...” / “Faço questão de mostrar toda minha indignação...”


Essas frases, carregadas de fortíssima emoção, integram a Fraseologia da Indignação, de interesse para pesquisadores que buscam compreender um pouco do interagir humano. A propósito, como descrevemos ou rotulamos pessoas que perdem o controle? Eis algumas de nossas explicações (a maioria, adjetivos): “A pessoa estava fora de si, enfurecida, furiosa, encolerizada, possessa, revoltada, transtornada, sem controle, descontrolada, com raiva, com ódio, colérica, etc.”

Para os cristãos, o desafio permanente de ter auto-controle (inclusive comunicativo) está inspiradoramente tratado na *Bíblia*. Assim, em Gálatas 5,23, somos lembrados de que “Os frutos do Espírito são o amor, a paz, a paciência, a bondade, a generosidade, a fidelidade, a delicadeza e o auto-controle”. Outra lição encontramos nos Salmos 39,2: “Vigiarei minha conduta para não pecar com a língua. Porei um freio à minha

boca, quando o ímpio estiver diante de mim”.

No Livro dos Provérbios, partilha-se este sábio conselho: “Cidade desmantelada, sem muralha, tal é a pessoa sem autodomínio”. Seja uma processo neuro-psicosocial ou mais que isso, a indignação é um dos meios pelos quais uma pessoa pode exprimir traços de sua personalidade e temperamento, alguns dos quais resultantes de influências recebidas no lar, na própria escola, no trabalho, etc. Uma sensibilização a respeito do indignar-se, do ter raiva, do enfurecer-se, do odiar bem mereceria destaque no sistema educacional, através de uma Política de Comunicação Pacífica, como venho preconizando em meus escritos.

Que este breve artigo contribua para isso. Em vez de indignar-se, que tal dignar-se, através de um diálogo firme, forte, mas acima de tudo fraterno? Da próxima vez que formos levados a “fazer ver nossa indignação”, saibamos comunicar isso com dignidade. Para concluir, uma informação sobre o surgimento das palavras raiva, indignação e autocontrole: a primeira, aparece em língua escrita a partir de 1150; a segunda, torna-se visível a partir de 1325; a terceira passa a ser grafada a partir de 1705.

O importante, entretanto, é desafiar-se constantemente para ter autocontrole comunicativo, aplicando o ensinamento de Cristo: amemos o próximo. 

Francisco Gomes de Matos é Membro da Comissão de Direitos Humanos Dom Hélder Câmara, CAC/UFPE <fcgm@hotmail.com.br>.

Um dos sentimentos humanos mais complexos é a indignação. Segundo as definições em dicionários, tem a ver com a coléra, o desprezo, a fúria, a ira, a raiva, manifestados por pessoas em face de ações chocantes, desumanizadoras. Às vezes nossa indignação é justificável ou apropriada, mas ocasiões há em que a indignação soa como uma indignação e faz cair ao chão tanto quem indignou quanto quem se mostrou indignado(a).

Recentemente, em uma reunião do Conselho de Paz de Pernambuco, louvável iniciativa da Secretaria de Defesa Social, presenciei uma pessoa comunicar sua indignação a respeito de injustiça e violência cometidas contra pessoas pobres da comunidade. Com voz trêmula, a pessoa se queixava da falta de humanidade em nossa Sociedade e sustentava que a maior punição deveria ser aplicada aos que cometem violações contra direitos fundamentais como o direito à vida, o direito à assistência médico-hospitalar, o direito à paz. Ao ouvir o português excessivamente emotivo da pessoa, comecei a fazer uma lista das

Religiosas de Nossa Senhora de Sion

Um projeto de Esperança

A origem do nome Nossa Senhora de Sion, escolhido pelo fundador, Teodoro Ratisbonne, indica o sentido que tem para nós a pessoa de Maria. "Filha de Sion por excelência", Maria viveu plenamente a fé e a esperança de seu povo. Disse sim à Palavra de Deus e se tornou mãe de Jesus.

Foi na Palavra de Deus que Padre Teodoro encontrou inspiração e apelo para concretizar a missão que hoje assumimos: lembrar aos cristãos que a fé em Jesus Cristo está enraizada no judaísmo. E nós, Irmãs de Sion, concretizamos isso, trabalhando com o Diálogo Cristão Judaico, Diálogo Inter-Religioso, Ecumenismo, Educação, Catequese e Trabalho Social.

Creemos que Deus tem um projeto de amor e de vida para toda a criação, para mim e para você.

Presentes em vários estados, as irmãs de Sion estão mais perto de você!



Para saber mais, entre em contato conosco:

Fone (71) 3243-7907 - e-mail: vocacional_sion@yahoo.com.br

ou escreva para: Rua Prado Valadares, 04 - Nazaré

CEP: 40055-070 - Salvador, BA.

www.sion.com.br

“Meu espírito é para todo o mundo”

Santo Antonio Maria Claret

Missionários Claretianos

A serviço da Palavra

• CENTRO "PADRE JAIME CLOTET" - Pe. Maurício da Silva Ribeiro, cmf — pjvsul@pjuv.com.br
R. Pinheiro Machado, 245 - Cx. Postal 412 - CEP 85501-970 - Pato Branco, PR - (46) 9911.5115

• MISSIONÁRIOS CLARETIANOS - Ir. Robério Vieira Cabral, cmf — pjvne@pjuv.com.br
R. Manoel Moura, 46 - Bairro Trapiche da Barra - CEP 57011-100 - Maceió, AL - (82) 326-8122

• MISSIONÁRIOS CLARETIANOS - Pe. José Ferreira Pinto, cmf — pjvmg@pjuv.com.br
Rua Espírito Santo, 1573 CEP 30160-031 — Belo Horizonte, MG - (31) 8726-7457

• PROCURADORIA MISSIONÁRIA - Pe. Írio Rissi, cmf - promicion@click21.com.br (19) 3242-2259

• COMUNIDADE MISSIONÁRIA - R. Bahia, 984 - Centro — Cx. P. 41 - CEP 78630-000 Campinápolis, MT

• SECRETARIADO VOCACIONAL - Pe. Sidney T. Silva, cmf — ajvsp@pjuv.com.br - Av. Francisco J. C. Andrade, 535 - CEP 13070-055 — Campinas, SP - (19) 9604.2745

Senhora da Gleba

Roque Vicente Beraldi



Pintura: Virgem da Terra, de Beatriz Gómez, Venezuela (Coleção privada - Miami, USA)
<http://www.beatrizgomez.com/painting.htm>

Na periferia da cidade de Vic (Espanha), por volta do século VI, foi encontrada uma imagem de Nossa Senhora. Os vicenses professam grande devoção a Maria que veneram como padroeira das suas colheitas. Em 1604, já havia ali um santuário onde o povo realizava cerimônias religiosas. Nos arredores encontrava-se uma gleba de terra regada pelo rio Ter. Essas terras pertenciam a um

o arado, deparou com o boi que raspava a pata no chão e que enfurecido não se deixava prender. Com medo de levar uma chifrada o homem se retirou pelo lado da gruta e viu também sua filhinha orando de joelhos diante da acolhedora imagem de Nossa Senhora. Interpretou o acontecido como um aviso. Também ele se ajoelhou e rezou diante daquela imagem. Com grande alegria, levou o ícone para sua casa, onde o povo se

lavrador conhecido como senhor Pujol. Nos dias santos de guarda e feriados, os bois de arado descansavam, passando nas campinas verdejantes daquela região, sob a vigilância de sua filha, uma menina de tenra idade.

Certa vez, ela observou que um dos bois raspava a pata num determinado lugar, ao mesmo tempo que mugia freqüentemente. Levada pela curiosidade, a pastorinha foi ver o que se passava. Lá chegando observou que escondida pelo mato, havia uma abertura na rocha e dentro um pequeno altar de Nossa Senhora entre duas pequenas colunas de pedra. Nada disse da descoberta e diariamente fazia suas orações diante da imagem existente na gruta. Dias depois, o sr. Pujol recolhendo os animais para

aglomerou para venerá-lo. Combinaram de transportar em procissão a bela efigie até a igreja paroquial de Santo Hipólito de Voltregá em Barcelona. Porém, na hora da procissão, ninguém mais viu a imagem. Só foram encontrá-la na gruta, sem que alguém a tivesse levado para lá. Aperceberam, então que era vontade da Senhora que fossem prestados cultos a Deus naquela região. Ergueram ali, uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Gleba.

Uma grande seca assolou toda a comarca de Vic. Por causa da aridez do terreno, treze meses sem chuva, aquela região agrícola, antes tão fecunda transformou-se em quase deserto. Nada podendo fazer diante da calamitosa situação, o povo humilde se dirigiu à padroeira com penitências seguidas de preces humildes e confiantes. O resultado não se fez esperar. Ao concluir as orações, os habitantes puderam desfrutar dum abundante e benéfico aguaceiro. Como agradecimento, todos os anos se realiza uma procissão com cânticos de louvores a Deus que por atenção à sua Mãe, Maria abençoa seus devotos.

A devoção popular a Nossa Senhora da Gleba, cresceu muito nos anos subseqüentes. Ainda hoje nos incita a intensificar nossa confiança a Maria que nos apresentará como oferta agradável a Deus.

ORAÇÃO

Valha-nos, ó Deus, a intercessão da sempre Virgem Maria, para que, livres de todos os perigos, vivamos em vossa paz. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

A palavra é...

Luís Erlin

Relíquia

Nesta seção, o leitor encontrará a explicação de palavras empregadas na tradição católica. Escreva-nos, solicitando o significado de alguma outra palavra de que tenha dúvida.

Santos são aqueles que já estão na casa do Pai. O culto às relíquias desperta em nós, Igreja terrena, o desejo do céu. Nos faz acreditar que a salvação é graça de Deus a todos.

Se aqueles santos(as), representados pelas relíquias foram capazes de chegar ao reino celeste, nós, com nossas limitações, também podemos.

Frei Basílio Röver distinguiu em seu livro *Dicionário Litúrgico* (1947) dois tipos de relíquias: as primárias (partes do corpo); e as secundárias (objetos de uso, de modo especial as vestimentas).

Não é a relíquia que faz o milagre. Elas simplesmente fazem uma ponte entre nós e Deus. A fé despertada por esses sinais é que concede a graça.

A Igreja não é uma aventureira, ela tem tradição, dois milênios de história. Já na época de São Paulo as relíquias aproximavam as pessoas de Deus.

Podemos constatar também que mesmo no Antigo Testamento há relatos de manifestações de Deus por meio de relíquias: *Eliseu morreu e foi sepultado. Guerrilheiros moabitas faziam cada ano incursões sobre a terra. Ora, aconteceu que um grupo de pessoas, estando a enterrar um homem, viu uma turma desses guerrilheiros e jogou o cadáver no túmulo de Eliseu. O morto, ao tocar os ossos de Eliseu, voltou à vida, e pôs-se de pé* (2º Livro dos Reis 13, 20-21).

Luís Erlin é sacerdote missionário claretiano. luiserlin@bol.com.br

Padre Luis,

Sempre sou abordada por membros de algumas seitas que criticam a veneração a Maria e aos santos, esses dias eles me falaram que a utilização de relíquias pela Igreja Católica é pecado grave, pois estamos, segundo eles, adorando objetos e corpos de mortos.

Sei que isso não é verdade, mas gostaria que o senhor explicasse melhor o que é uma relíquia.

Um forte abraço.

Mônica Dalto, Limeira – SP

RELÍQUIAS são vestes ou objetos de um santo, ou até mesmo, parte de seu corpo que são venerados pela Igreja.

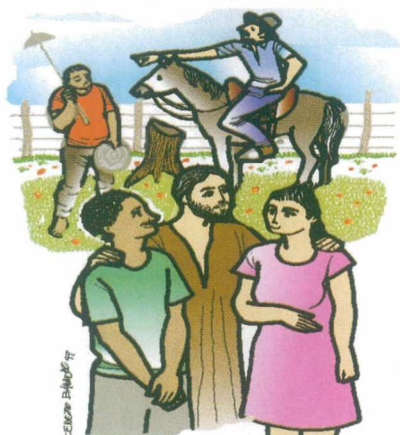
O culto às relíquias tem a única finalidade de promover em nós a proclamação das maravilhas de Cristo que se manifesta na vida de seus servos... as relíquias, nos apresentam modelos de virtudes (dos santos) a serem imitadas (Sagrado Concílio, SC 111). Essa tradição nos remete aos primórdios da Igreja já na época dos apóstolos. Está devidamente registrada na Sagrada Escritura:



No círculo branco ao centro, pequenos fragmentos de ossos de Santo Antônio Maria Claret.

Deus fazia milagres extraordinários por intermédio de Paulo, de modo que lenços e outros panos que tinham tocado seu corpo eram levados aos enfermos; e afastavam-se deles as doenças e retiravam-se os espíritos malignos. (Atos dos Apóstolos 19, 11-12).

Elaborada por Adelino Dias Coelho. Ilustrações de Cerezo Barredo, cmf.
Coloridas por Sheine Rodrigues Silva.



PERMANECER NO AMOR A DEUS

6º domingo da Páscoa
21 de maio

INTRODUÇÃO

Após termos refletido, no domingo passado, sobre a parábola da videira e dos ramos, brota em nós naturalmente a pergunta: “Como permanecer unidos a Cristo para dar fruto?”. — Permanecendo em seu amor, isto é, guardando seus mandamentos, especialmente o do amor aos irmãos.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 10,25-26.34-35.44-48

Em toda nação — fala Pedro —, é agradável a Deus aquele que o teme e fizer o que é justo (v.35). Ou seja, Deus não considera as tendências políticas ou partidárias mas leva em conta a caridade para com os irmãos, como aconteceu com Cornélio que adorava os deuses da religião do imperador romano. O cristianismo verdadeiro sabe derubar barreiras e muros de separação, sob o impulso do Espírito Santo.

No entanto, estamos habituados, desde longa data, a excluir tudo que não venha de nossa Igreja Católica, Apostólica, Romana. O hábito do gueto,

o sectarismo, a exclusão de tudo o que não apresente, bem visível, a etiqueta cristã é uma das nossas tentações permanentes. Por força da tradição histórica, o diálogo com os que trabalham pela libertação do homem fora da área cristã é difícil e raro.

A Igreja, no Concílio Vaticano II, abriu claramente as fronteiras a todos os homens, fazendo relações com cada indivíduo e com os diversos povos, independentemente de seu credo religioso, e fazendo da liberdade de consciência o fundamento de todo o diálogo e de toda evangelização.

Salmo responsorial: 97, 1.2-3ab.
3cd-4 (Refrão: *Toda a terra viu a vitória do nosso Deus*). Como eco do pensamento da 1ª leitura, o salmista canta: *O Senhor fez conhecer a sua salvação. Manifestou sua justiça à face dos povos. Lembrou-se de sua bondade e de sua fidelidade em favor da casa de Israel*(v.2).

2ª leitura: 1João 4,7-10

Jesus colocou como condição de estarmos ligados a ele, quem quer que sejamos, fazer alguma coisa pelos pobres. Foi Cristo quem disse: *Tive fome e me destes de comer*(Mateus, 25,35).

E sua fome não era só de pão material, mas também fome do amor compreensivo, de ser querido, de ser conhecido, de ser alguém para alguém.

Poderíamos acrescentar também que Cristo, ao falar que estava despidido, também não era unicamente de roupas, mas também de dignidade humana e de respeito, situação criada pela injustiça que se faz aos pobres, olhando-os de cima simplesmente porque são pobres.

Atitude diametralmente oposta ao que João escreve, hoje, em sua carta: *Não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho, quando ainda éramos pecadores* (v.10).

Amor gratuito, sem expectativa de recompensa, como nossas mães fazem conosco, pálida imagem do amor divino.

Aclamação ao Evangelho (João 14,23): Aleluia, aleluia, aleluia. *Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a ele, diz o Senhor.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: João 17,11b-19

Jesus sintetiza os mandamentos num só: o amor ao ser humano. Há uma aparente contradição entre os vv. 10 e 12. No começo, Jesus fala dos “seus mandamentos”, como se fossem muitos, mas logo depois afirma: “este é o meu mandamento”, como se se tratasse de um só.

Essa é a única maneira de que dispomos para manifestar a Deus o nosso amor: *Quem não ama o irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê?* (1João 4,20). E Paulo escreveu: *Toda a lei, de fato, encontra a sua plenitude num só preceito: ama teu próximo como a ti mesmo* (Gálatas 5, 15; Romanos 13,8-10).

Jesus não apresenta o seu amor como um modelo a ser imitado, mas como uma vida que continua nos seus discípulos. Muitas vezes, pensamos que Jesus tenha deixado um exemplo edificante e que se deva repetir o que ele faz. Mas é muito mais. Pelo batismo, Jesus nos posiciona numa condição diferente: une-nos, insere-nos nele, transforma-nos em membros seus. Deste modo, é ele que continua agindo em nós.

REFLEXÃO

Observando a nossa vida, reconhece-se Cristo ressuscitado, que continua presente no meio da família, do trabalho? Entendemos que aquele que é maior na comunidade é aquele que lava os pés do último?



ELE ESTÁ NO MEIO DE NÓS

Ascensão do Senhor
28 de maio

INTRODUÇÃO

Vinde e vede, vinde! Ele está no meio de nós!" Assim cantamos durante o 15º Congresso Eucarístico Nacional, encerrado domingo passado em Florianópolis, SC. Ao subir aos céus, Jesus inaugurou um novo tipo de presença. "Tantas são as maneiras de presença", mas todas se resumem no serviço, no amor de Cristo por nós.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 1,1-11

No Antigo Testamento, há uma narrativa muito semelhante à da Ascensão: trata-se da subida de Elias ao céu (cf. 2º Livro dos Reis 2,9-15). A partir daquele momento, Eliseu, seu discípulo, recebeu o espírito do mestre e ficou capacitado para continuar a missão do seu mestre.

Da mesma forma que Eliseu, também os apóstolos e os cristãos do tempo de Lucas permaneceram contemplando o Mestre que se afastava. A voz do céu (os anjos de branco) esclarece: não será ele que voltará para completar a obra interrompida. Nós é que so-

mos convidados a continuar a sua e nossa missão.

Fomos capacitados pelo nosso batismo e recebemos o seu Espírito para sermos continuadores de Jesus em nossa vida: a começar por nossa casa. Deste modo, é ele que continua agindo em nós: é ele que ama, consola, partilha com o pobre!

Mas, então, Jesus subiu ao céu? Com certeza! Mas afirmar que Jesus subiu ao céu é exatamente a mesma coisa que afirmar que ele "ressuscitou", que foi glorificado, que entrou na glória de Deus.

Salmo responsorial: 46, 2-3.6-7.8-9 (Refrão: *Aclamai a Deus com alegria!*). Se a Ascensão de Jesus mostrou que tudo o que acontece aqui na Terra não está excluído do projeto de Deus, entendemos o júbilo do salmista neste salmo: *Subiu Deus por entre aclamações* (v.6).

2ª leitura: Carta aos Efésios 1,17-23

Paulo nos exorta a não nos esquecermos de que nossa vida não está limitada aos horizontes deste mundo.

Mas o céu não é simplesmente a "recompensa" de uma vida justa e boa, porque "os sofrimentos do momento presente não são comparáveis com a glória futura que será revelada em nós" (cf. Carta aos Romanos 8,18). Nem é tampouco um narcótico para pessoas passivas e resignadas, um alibi para o compromisso de trabalhar neste mundo pela realização (mesmo que imperfeita) daqueles valores de liberdade, justiça, paz, fraternidade, comunhão, vida, amor, alegria que constituem a bem-aventurança do homem completo segundo o plano de Deus.

Só uma comunidade dos que crêem e se abrem ao mundo, a serviço de todos torna-se testemunha da nova humanidade, realizada em Cristo. Cabe-nos retomá-la a cada dia.

Aclamação ao Evangelho (Mateus 28,19-20): Aleluia, aleluia, aleluia. *Ide e ensinai todas as nações, diz o Senhor; eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Marcos 16,15-20

Somos convidados a dar continuidade à obra de Jesus. Mas – perguntaremos – qual de nós pode ser tão pretensioso a ponto de se julgar capaz de dar início a um mundo com a mensagem "nova" de Jesus?

Primeiramente, refletamos na surpreendente ordem de Jesus: *Pregar o evangelho a toda a criatura!* Como podem as criaturas inanimadas ser atingidas pelo benefício da salvação?

Nós, guiados pelo incontável impulso para o mal, que sentimos dentro de nós, sempre provocamos desorganização no projeto de Deus.

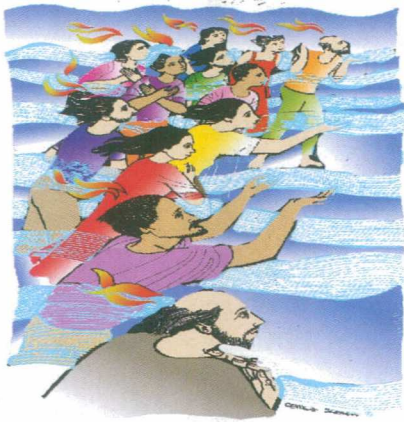
Por exemplo, para satisfazer nossa sede de lucro desenfreado, destruimos florestas, causando o desaparecimento de espécies animais, contaminamos os rios e envenenamos os frutos da terra, facilitando a propagação de doenças...

A energia divina da Palavra transforma os corações dos homens e estes começam a servir-se das criaturas já não mais para o mal, mas as põem a serviço de uma vida fraterna e específica. Surgem, deste modo, uma humanidade e uma criação completamente novas. Nessa missão, não pensemos que estamos sós: o Mestre opera por meio de nós!

REFLEXÃO

Estamos conscientes do apelo de Deus para que coloquemos em movimento o projeto de salvação universal? Sabemos que a procura da harmonia da criação inteira faz parte das exigências morais da nossa fé?





A FORÇA DO ESPÍRITO SANTO

Solenidade de Pentecostes
4 de junho

INTRODUÇÃO

Somos levados a comemorar a festa do Divino Espírito Santo como algo histórico e distante. Mas acontece que recebemos no dia de nosso Batismo o mesmo Espírito que desceu sobre os Apóstolos. Ele continua presente em nós, e nos fala por meio da meditação da Palavra e nos acontecimentos.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 2,1-11

Hoje, termina o Tempo Pascal. O Diretório Litúrgico recomenda guardar, com veneração, o Círio, a grande vela, abençoada durante a cerimônia de Sábado Santo, no Batistério, para, em sua chama, acender as velas dos que forem batizados, durante o ano.

Por quê? Porque, por aquele gesto de acender a vela no Círio pascal (sua chama representa Jesus Cristo Ressuscitado), o recém-batizado quer significar que recebe de Cristo o Espírito Santo.

Ao reproduzirmos aquela reunião dos Apóstolos (juntamente com Maria, a mãe de Jesus), na assembléia dominical a fim de celebrarmos a Santa Ceia

ou para leitura/estudo da *Bíblia*, por exemplo, somos também impelidos pelo mesmo Espírito Santo.

Saímos, depois, para nossos afazeres. Mas o Espírito não fica na reunião, vai conosco, dentro de nós; de novo, fala-nos durante o trabalho, em casa, no ônibus, no metrô, no lazer, por meio daquelas pessoas de quem nos fazemos próximos. Apresenta-se também nos acidentes da *vida* (que – lembremo-nos – não nos pertence, mas sim ao Senhor) que, num primeiro momento chamamos de transtornos.

Ora, transtornar (verbo que tem também o significado de “agitar”, “alterar”) é próprio do Espírito que faz coisas novas. Os Apóstolos e Maria aceitaram essa “mudança de rumo” E nós? Como reagimos aos “transtornos” do Espírito?

Salmo responsorial: 103, 1ab e 24ac.29bc-30.31 e 34 (Refrão: Enviai o vosso Espírito Santo, e renovai a face da terra). *Se desviais o rosto, eles (os seres, as criaturas) se perturbam; se lhes retirais o sopro, expiram e voltam ao pó de onde saíram. Se enviais, porém, o vosso sopro, eles revivem e renovais a face da terra.* (v.29-30).

2ª leitura: 1ª Carta aos Coríntios 12,3b-7.12-13

Aquela unidade, vivenciada por todas aquelas *pessoas piedosas de todas as nações*, de que fala a 1ª leitura, não foi uniformidade.

Assim como lhes aconteceu, também para nós o sinal da unidade nos foi dado pelo fato de termos sido todos batizados num só Espírito; é ele quem anula, no Batismo, toda a distinção racial ou social; além disso, todos nós batizados cremos, mediante o Espírito, que Jesus é o Senhor.

O sinal do pluralismo, que não é uniformidade, é constituído pela riqueza e variedade dos dons que, bem longe de romper a unidade, consolidam

na. De fato, os dons são-nos concedidos para que nós os utilizemos para a comunidade, em proveito dos outros.

Paulo se serve da analogia do corpo. Os dons que Deus nos deu servem para que cada um de nós possa manifestar aos outros o seu amor, mediante a prestação humilde de serviço.

Aclamação ao Evangelho: Aleluia, aleluia, aleluia. *Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis; acendei neles o fogo do vosso amor.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: João 20,19-23


Jesus sopra sobre seus discípulos e assim lhes comunica o Espírito, em seu primeiro encontro após a ressurreição. Pode-nos causar surpresa que imediatamente lhes transmita seu poder de perdoar pecados.

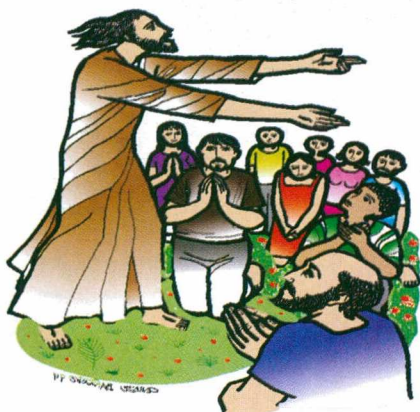
Tal narrativa de João que tanto o impressionou – a ponto disso se lembrar quase cem anos depois –, é para nos fazer meditar que é o pecado que destrói em nós a presença do Espírito.

A Igreja deve criar as condições para que o Espírito entre no nosso coração. É evidente que, em quem não chega esse Espírito, o pecado continua existindo.

As palavras de Jesus são, portanto, um apelo à responsabilidade de todos nós. Devemos estar conscientes de que os pecados não serão apagados se não criarmos condições a fim de que o Espírito faça de nós seu templo.

REFLEXÃO

Sabemos ver nos “transtornos” da vida, a voz do Espírito Santo? Aceitamos com amor nossa função no corpo místico de Cristo? Ficamos contentes de servir aos outros? Criamos condições em nosso coração para que o Espírito possa agir em nós? 



EM QUE DEUS ACREDITAMOS?

Solenidade da Santíssima Trindade
11 de junho

INTRODUÇÃO

Cada pessoa da Santíssima Trindade é primeira desde um ângulo. Jesus é o primeiro a tocar nossa sensibilidade pela sua humanidade. O Pai é o primeiro nas relações dentro da Trindade e no envio da salvação. O Espírito Santo é o primeiro no interior de nosso coração a conduzir-nos a Cristo e ao Pai.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura: Livro do Deuteronômio
4,32-34.39-40

O povo hebreu, durante a travessia no deserto e a caminho da Terra Prometida, freqüentemente era tentado a deixar o culto ao seu Deus e se bandear para os ídolos dos povos com quem tinha contato.

Por isso, o tom das palavras de Moisés é o de confirmar o povo na fé para com o Senhor, fazendo-os lembrar de tantas graças que lhe tinha concedido, entre as quais a libertação da opressão do faraó, no Egito.

Daí, ele reafirma: O Senhor é Deus, lá em cima no céu e aqui embaixo na terra; e não há outro.

Em nossos dias, somos também aliçados por vários ídolos: o *prazer* como aspiração prioritária, que se expressa no erotismo desenfreado, no álcool e nas drogas; a busca do *dinheiro* e do consumo crescente; o *poder* ganancioso, sinônimo do domínio político em proveito próprio; e, como consequência, a *violência*, a corrupção, justificadas pelo fanatismo egoísta.

Por Cristo, que é Deus em figura humana, somos libertados da escravidão do pecado e de suas consequências com fatos portentosos do amor divino (cada um de nós tem sua própria história para recordar), como o povo israelita, no deserto.

Salmo responsorial; 32,4-5. 6 e 9. 18-19.20 e 22 (Refrão: *Feliz o povo escolhido por Deus!*). Na mesma linha de reflexão de Moisés, assim reza o salmista: *A palavra do Senhor é reta. Em todas as suas obras, resplandece a fidelidade: ele ama a justiça e o direito. Da bondade do Senhor está cheia a terra* (v.4).

2ª leitura: Carta aos Romanos 8,14-17

Todos recebemos o dom da vida. Mas Deus não nos entregou à própria sorte. Paulo, dirigindo-se ao povo, ávido de novidades, no Areópago (tribunal), explicou-lhe (e a nós também) que, “nosso Deus não está longe de cada um de nós. Porque é nele que temos a vida, o movimento e o ser” (cf. Atos dos Apóstolos 17,22-28).

Mas, pelo nosso batismo, fomos elevados à própria Vida de Deus, que nos fez seus filhos em Cristo por meio do Espírito que nos foi dado. Tal filiação nos dá em herança a verdadeira terra prometida. Tem, porém, suas condições: nossas ações devem proceder do Espírito, e isso só é possível se participarmos do sofrimento e morte de Cristo.

O fato de nosso bom Deus estar

perto de nós, envolver-se nos nossos problemas, intervir para guiar a nossa vida tem embutido em si uma lição belíssima: anima-nos a chamá-lo de: “Abba”, “Pai”!

Aclamação ao Evangelho (Livro do Apocalipse 1,8) Aleluia, aleluia, aleluia. *Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito, desde agora e para sempre, ao deus que é, que era e que vem, pelos séculos. Amém.* Aleluia, aleluia, aleluia.

Evangelho: Mateus 28,16-20

Creemos que o Filho provém do Pai e que o Espírito Santo provém de ambos. Este é o mistério da Santíssima Trindade.

Sim, mas em que Deus acreditamos? O Deus dos cristãos não está num céu distante, longe. Não vive como se os nossos problemas, as nossas alegrias, as nossas angústias não o atingissem. Ele é o “Deus conosco”, o Deus que está ao nosso lado, na caminhada da vida.

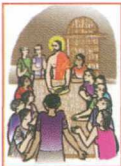
Estamos convencidos desse fato? Acreditamos mesmo que ele nunca abandona, nunca desiste, nem perde a paciência conosco?

O Evangelho nos fala da família de Deus, uma família aberta para todos nós. Nela somos convidados a entrar pela força que irradia da Ressurreição de Cristo.

REFLEXÃO

Estamos atentos aos males de nossa época que nos desviam do verdadeiro amor aos irmãos? Acreditamos num Deus companheiro cuja força nos leva a superar os obstáculos da nossa existência? Ainda temos medo de Deus, como se estivesse à espreita para nos castigar quando erramos? Ou temos fé num Deus misericordioso, pronto a nos perdoar e nos receber em qualquer circunstância de braços abertos?

LEITURAS SEMANAIS DAS MISSAS DE MAIO



3ª SEMANA DA PÁSCOA

1º - SEGUNDA: At 6,8-15 = Prisão de Estêvão, testemunha de Jesus de Nazaré. Sl 118. Jo 6,22-29 = O alimento eterno consiste em crer naquele que Deus enviou. **2 - TERÇA:** At 7,51 - 8,1a = Martírio de Estêvão: viu Jesus de pé à direita de Deus. Sl 30. Jo 6,30-35 = O pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. **3 - QUARTA:** *Ss. Filipe e Tiago Menor, Apóstolos.* 1Cor 15, 1-8 = O Senhor apareceu a Tiago, e, depois, a todos os apóstolos. Sl 18. Jo 14,6-14 = Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis? **4 - QUINTA:** At 8,26-40 = Filipe evangelizou, converteu e batizou o ministro etíope. Sl 65. Jo 6,44-51 = Quem crê, tem a vida eterna. **5 - SEXTA:** At 9,1-20 = Conversão e batismo de Saulo. Sl 116. Jo 6,52-59 = Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, ressuscitará. **6 - SÁBADO:** At 9,31-42 = Pela assistência do Espírito Santo e pelos milagres, muitos se convertiam. Sl 115. Jo 6,60-69 = Senhor, nós cremos e sabemos que tu és o consagrado de Deus.



4ª SEMANA DA PÁSCOA

8 - SEGUNDA: At 11,1-18 = Também os pagãos são chamados à salvação. Sl 41. Jo 10,1-10 = Jesus, o bom Pastor. **9 - TERÇA:** At 11,19-26 = Fundação da Igreja de Antioquia. Sl 86. Jo 10,22-30 = Eu e o Pai somos um. **10 - QUARTA:** At 12,24 - 13,5a = A palavra de Deus crescia e se espalhava. Sl 66. Jo 12,44-50 = Vim como luz ao mundo. **11 - QUINTA:** At 13,13-25 = Crer em mim é crer naquele que me enviou. Sl 88. Jo 13,16-20 = Quem me recebe, recebe aquele que me enviou. **12 - SEXTA:** At 13,26-33 = Crucificaram o Salvador Jesus, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Sl 2. Jo 14,1-6 = Eu sou o caminho, a verdade e a vida. **13 - SÁBADO:** At 13,44-52 = Eu te designei para levares a salvação até os confins da terra. Sl 97. Jo 14,7-14 = Quem me vê, vê o Pai; estou no Pai, e o Pai em mim.



5ª SEMANA DA PÁSCOA

15 - SEGUNDA: At 14,5-18 = Converti-vos aos Deus vivo, que fez o céu, a terra e o mar. Sl 113B. Jo 14,21-26 = O Espírito Santo vos ensinará tudo. **16 - TERÇA:** At 14,19-28 = Fim da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé. Sl 144. Jo 14,27-31a = Eu vos dou a minha paz. **17 - QUARTA:** At 15,1-6 = Controvérsia provoca o Concílio apostólico de Jerusalém. Sl 121. Jo 15,1-8 = A videira e os ramos: nossa união com o Pai e o Filho. **18 - QUINTA:** At 15,7-21 = O Concílio de Jerusalém pronuncia-se a favor dos pagãos convertidos. Sl 95. Jo 15,9-11 = Permaneci no meu amor. **19 - SEXTA:** At 15,22-31 = Carta do Concílio de Jerusalém às Igrejas da Síria e da Cilícia. Sl 56. Jo 15,12-17 = Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei. **20 - SÁBADO:** At 16,1-10 = Paulo convida e ganha Timóteo para companheiro de missão. Sl 99. Jo 15,18-21 = Porque não sois do mundo, o mundo vos odeia.



6ª SEMANA DA PÁSCOA

22 - SEGUNDA: At 16,11-15 = Paulo em Filipos: conversão de Lídia, vendedora de púrpura. Sl 149. Jo 15,26 - 16,4a = O defensor, o Espírito da verdade, dará testemunho de mim. **23 - TERÇA:** At 16,22-34 = Ao carcereiro, em Filipos: para te salvars, crê no Senhor Jesus. Sl 137. Jo 16,5-11 = Se eu não for, não virá a vós o consolador. **24 - QUARTA:** At 17,15.22 - 18,1 = Um homem, a quem Deus ressuscitou, julgará o mundo. Sl 148. Jo 16,12-15 = O Espírito da verdade vos ensinará tudo, e me glorificará. **25 - QUINTA:** At 18,1-8 = Em Corinto, Paulo dava testemunho de que Jesus é o Messias. Sl 97. Jo 16,16-20 = Logo, logo já não me vereis; mas a vossa tristeza se transformará. **26 - SEXTA:** At 18,9-18 = 'Não temas! Fala!' - Muitos acreditaram e foram batizados. Sl 46. Jo 16,20-23a = A vossa tristeza se há de transformar em alegria. **27 - SÁBADO:** At 18,23-28 = Apolo, judeu convertido, demonstrava que Jesus é o Messias. Sl 46. Jo 16,23b-28 = Saí do Pai e vim ao mundo; deixo agora o mundo e volto para o Pai.



7ª SEMANA DA PÁSCOA

29 - SEGUNDA: At 19,1-8 = Dom do Espírito Santo aos recém-batizados de Éfeso. Sl 67. Jo 16,29-33 = Fé dos discípulos; Jesus, vencedor do mundo. **30 - TERÇA:** At 20,17-27 = Por inspiração do Espírito, Paulo despede-se dos anciãos, em Éfeso! **31 - QUARTA:** *Visitação de Nossa Senhora.* Sf,14-18 = O rei de Israel, o Senhor, está no meio de nós. Cânt.: Is 12,2-6. Lc 1,39-56 = Donde me vem que a mãe de meu Senhor me visite?

“Coitadismo”

Antônio José Eça

Talvez seja preciso começar a pensar que não somos os causadores do sofrimento de ninguém, a não ser de nós mesmos! Se alguém está pensando que é o causador do mal do outro é porque ele próprio está acostumado a pensar que é sempre culpado, culpado até “de o mundo ser redondo”. Pode acontecer também que o outro lado da relação esteja acostumado a colocar a responsabilidade dos seus atos nas costas dos outros, geralmente daqueles que estão por perto. Se pegar, pegou!

Dou um exemplo: tive uma cliente, separada do marido, cujo filho fazia vestibular para engenharia. No início do processo de exames simulados e tudo o mais, chegou a comentar que achava difícil que ele entrasse na faculdade porque não estava tendo o pai próximo de si. Entretanto, o menino estava preparado e acabou passando nos exames. Nessa hora, ela falou que tudo isto ocorreu porque ela tinha “dado uma força”. Ou seja, se o filho não entrasse, a culpa era do pai. Como entrou, o mérito foi dela!

Ilustração: arquivo

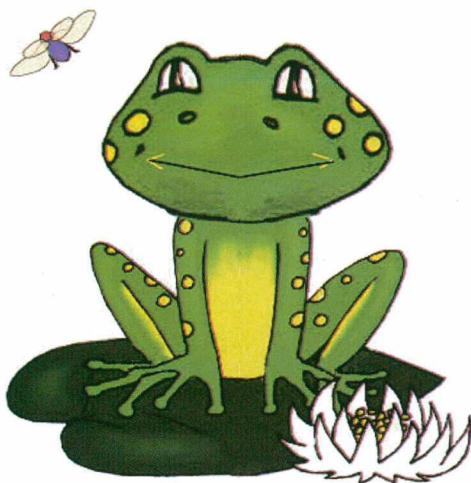
Talvez tivéssemos que pensar (e esta foi uma das coisas que discuti com ela naquela ocasião) que o menino entrou (ou não entraria) por esforço ou vagabundagem exclusivamente dele!

É muito infantil e primitivo colocar a responsabilidade de tudo, na vida, nos outros. É comum entre casais que falam: “Sabe o que seu filho fez?” quando a coitada da criança fez alguma “arte”,

isto é, usar uma “divisão” de responsabilidades desigual. Ao contrário, quando a criança faz algo padronizado como bom, como ir bem na escola, por exemplo, um dos pais, geralmente o mesmo da frase anterior, fala coisas do tipo “você viu que o meu filho foi bem?” Mas isto, mesmo sendo brincadeira, mostra uma tendência humana de segurar somente o bom para si. O ruim é culpa dos outros, nunca dele mesmo.

“Não! É minha culpa, sim, eu também faço burradas e desacertos...”.

Quantos têm coragem de dizer isso para si mesmos, ou principalmente, para aquela pessoa com quem se convive? Pouquíssimos, não?



Quando nos dermos a permissão e começarmos a reconhecer nossos próprios defeitos, aprendendo a conviver com eles, talvez consigamos também nos relacionar melhor com nosso “príncipe” ou “princesa”, conscientes de que, apesar de sua realza, por vezes ele se transforma em “sapo”, e ela, em “bruxa malvada”.

Quanto a “ele (ela) não merecia es-

tar passando por isto”, não vamos esquecer que só se passa por isto por dois motivos: primeiro porque acontece; depois, porque se quer.

Claro que existem coisas que ninguém programa, mas que acontecem e que estão fora de nosso domínio, tais como catástrofes, desastres e fatalidades. Mas, fora isto, em relação àquele sofrimento “fabricado”, ou ele é feito por mim, ou mantido por mim. Se minha relação com minha (ou meu) companheira(o) está falindo e eu estou sofrendo por isto, de quem é a responsabilidade? Dela? Dele? O ruim é que muitas vezes acabamos falando: “Aquela... que me faz sofrer...”. O pior é que às vezes é ela (ou ele) mesma que fala “isto e aquilo” de si, por achar que está fazendo o outro sofrer! É bem parecido com a história do vestibular, pois de novo se está colocando a responsabilidade na mão dos outros.

Às vezes, um dos membros do casal assume para si a responsabilidade do sofrimento do outro. Precisamos aprender a devolver a responsabilidade para as pessoas, na medida em que, em última análise, a vida é delas, e não nossa! Eu lhe dou um sapato que, por um azar qualquer, é menor que seu pé. Você o usa assim mesmo e, obviamente, seus pés doem. Pergunta-se, então: de quem é a culpa da dor nos pés? Minha, já que dei um sapato que não serve bem, ou sua, *que insiste em usar um sapato menor que seu pé?*

Pense nisto...



Antônio José Eça é mestre em Psicologia Social e professor de Psicopatologia. Médico psiquiatra e psicoterapeuta existencial, psiquiatra Forense na Comarca da Capital e da Justiça Militar do Estado e professor de Medicina Legal.

Vamos cozinhar?!

Entrada

Ingredientes



- 1 xícara/chá de milho verde (fresco ou em lata)
- 1 maçã com casca
- 1/2 abacate
- 4 tomates
- 1/2 pimentão
- Suco de 1 limão
- 3 colheres/sopa de azeite
- Sal, pimenta do reino e mostarda
- 2 colheres/sopa de vinagre

SALADA DE MILHO VERDE



Modo de preparar

1. Corte a maçã em pedacinhos; o abacate, em cubos; os tomates, em rodela finas e o pimentão, em tirinhas.
2. Junte o milho, adicione todos os temperos, batendo estes um pouco.
3. Misture tudo, e sirva gelado.

MILHO VERDE: O milho verde é grande fonte de energia. Ele possui quantidades consideráveis de vitaminas: B1, E e sais minerais, além de conter alto teor de carboidratos. A vitamina B1 ajuda na regularização do sistema nervoso e do aparelho digestivo. A vitamina E apresenta propriedades antioxidantes, sendo, por isso, utilizada na conservação de alimentos. O fósforo é indispensável para a formação de ossos e dentes. O óleo de milho é indicado porque dificulta a formação de gordura no sangue, reduzindo o nível de colesterol. O milho verde pode ser preparado em espigas inteiras, grelhado ou cozido em grãos. **COMPRA:** Deve ser comprado fresco, com as folhas bem verdes e "cabelos" de cor marrom-escuros. Se já estiver sem casca, verifique se a ponta inferior da espiga é afilada e macia. Seu período de safra vai de dezembro a abril.

Prato principal

Ingredientes

- 1kg de cação em postas
- 2 copos/200ml de leite frio
- 1/2 xícara/chá de azeite
- 2 cebolas picadas
- 6 tomates, sem pele e sem sementes picados
- 1 xícara/chá de cebolinha verde picada
- 1 xícara/chá de salsinha picada
- 1 colher/sopa de coentro picado (opcional)
- Molho de pimenta a gosto
- Sal, suco de 1 limão
- 1 vidro de leite de coco

CAÇÃO À BRASILEIRA

Modo de preparar

1. Deixe as postas de cação de molho no leite, por vinte minutos. Lave e deixe escorrer bem.
2. Tempere o peixe com sal e limão por duas horas.
3. Refogue a cebola no azeite, junte a cebolinha, o coentro e os tomates. Mexa de vez em quando até formar um molho espesso.
4. Coloque as postas de peixe sobre o molho, tampe a panela para cozinhar em fogo brando, por aproximadamente 20 minutos. Não deixe cozinhar demais.
5. Junte o leite de coco e o molho de pimenta, por mais cinco minutos. Apague o fogo.
6. Passe o peixe com uma espátula para um refratário, ponha o molho por cima e enfeite com a salsinha. Sirva com arroz branco.

Sobremesa

Ingredientes

- 5 ovos
- 5 colheres/sopa de farinha de trigo
- 5 colheres/sopa de queijo ralado
- 1 litro de leite
- 8 colheres/sopa de açúcar
- 1 colher/sopa de manteiga derretida

CASSAROLA ITALIANA

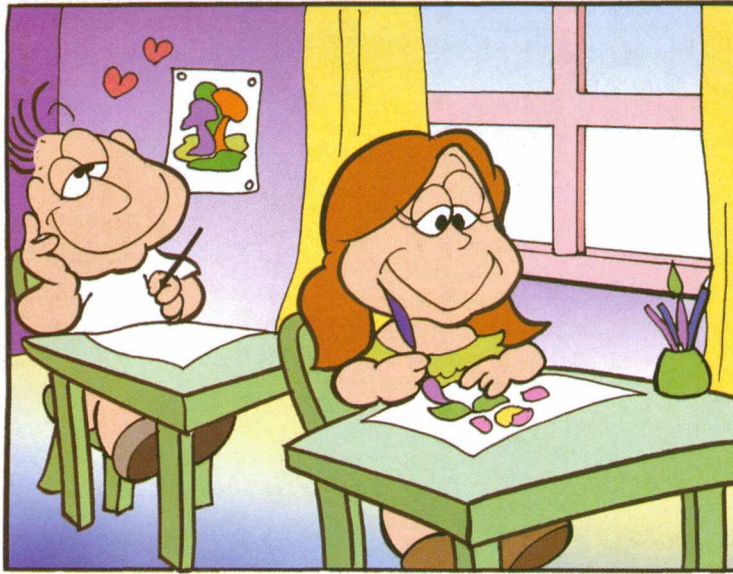
Modo de preparar

1. Bata na batedeira, as claras em neve, junte as gemas, misture bem, e acrescente a farinha, o queijo, o leite e a manteiga derretida e o açúcar e bata até obter uma mistura homogênea.
2. Unte uma assadeira ou um pirex retangular com bastante margarina e farinha de trigo.
3. Leve para assar em forno moderado até dourar.

Sinais de Amor

Turma da Maíra

Tina Glória



QUÊ ISSO?! CORAÇÕES!? E MAIS CORAÇÕES?? OHHHH! QUE LINDO!!!



ISTO ESTÁ ME PARECENDO UM CASO DE "PAIXONITE AGUDA" !!!

AH...EU GOSTO DA CAROL MAS ELA NEM FALA COMIGO!



A CAROL?! HA! CABEÇUDO! ELA NÃO FALA PORQUE É SURDA!

HA!!!!



E AÍ, GENTE!?

OI BIBI!!

A BIBI SABE A LÍNGUA DOS SINAIS!



QUE LEGAL! ME ENSINA A FALAR UMAS COISAS?

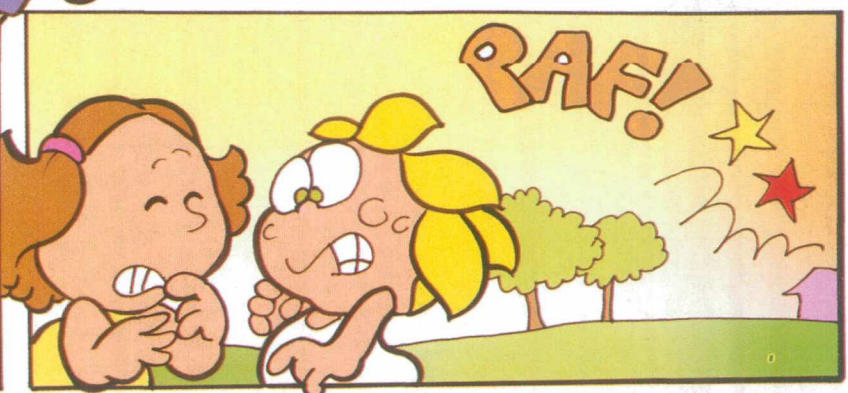
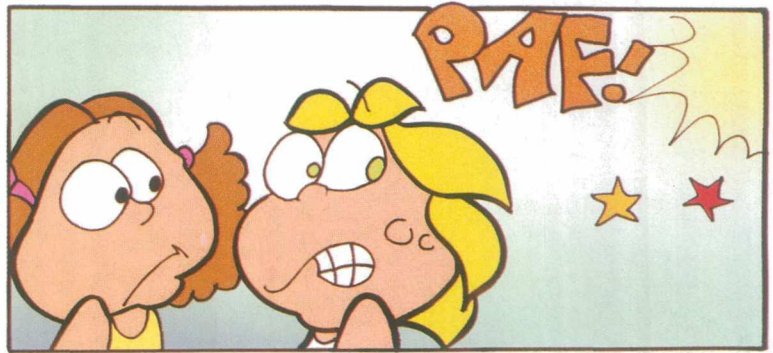
CLARO!!



COMO SE FALA: "OI! VOCÊ É LINDA" ?

ASSIM, Ó!

AH! ENTENDI!



A Linguagem dos Sinais



OS SURDOS COMUNICAM-SE ATRAVÉS DA LINGUAGEM DOS SINAIS, POR ISSO SE MOVIMENTAM, GESTICULAM E FAZEM EXPRESSÕES FACIAIS QUE COMPLETAM OS SINAIS...

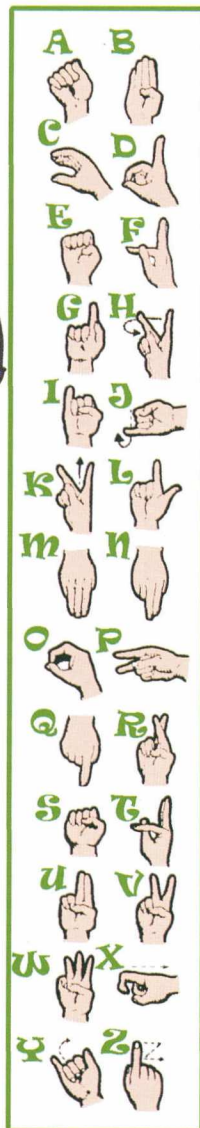
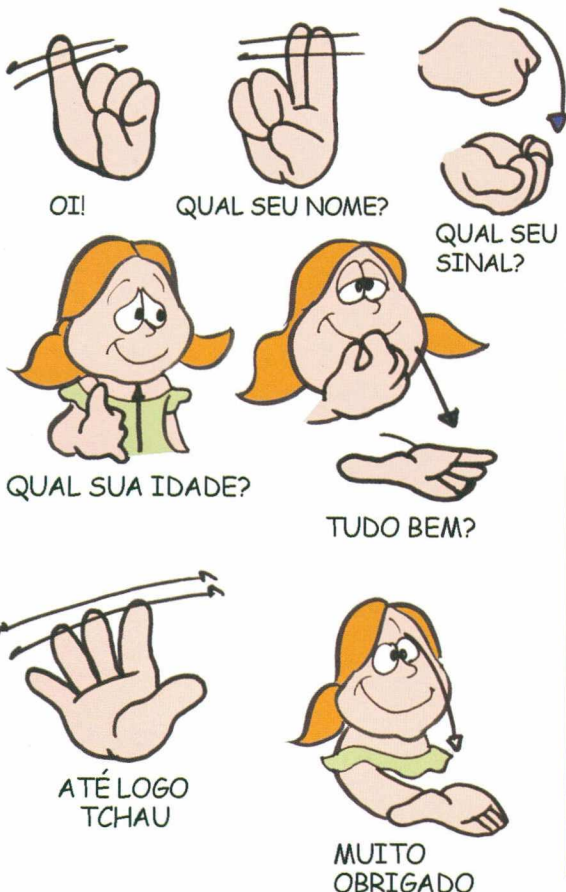


...É COMO UM INTERESSANTE JOGO DE MÍMICA

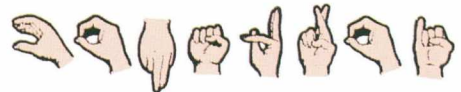
OS SINAIS NÃO SÃO APENAS O ALFABETO: EXISTEM SINAIS QUE REPRESENTAM PALAVRAS E ATÉ FRASES INTEIRAS.

ALÉM DO NOME NORMAL, CADA SURDO TAMBÉM TEM UM SINAL QUE O CARACTERIZA: PODE SER UM APELIDO OU GESTO QUE O DEFINA.

CUMPRIMENTO INICIAL



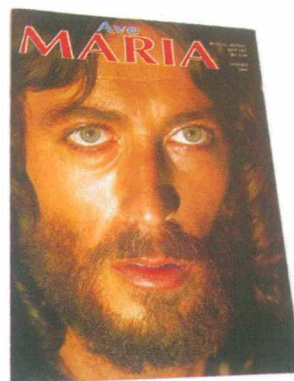
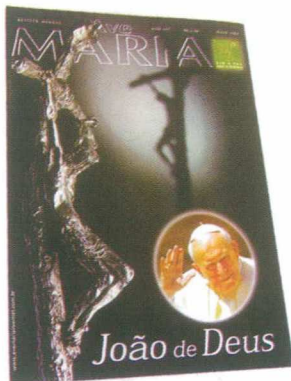
PARA DESCOBRIR AS FRASES, COLOQUE ABAIXO DE CADA GESTO A LETRA CORRESPONDENTE!



AGORA TREINE ALGUMAS PALAVRAS!

A revista Ave Maria é uma homenagem a Nossa Senhora e foi criada para levar a força do Evangelho à vida cotidiana, familiar e social.

A PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



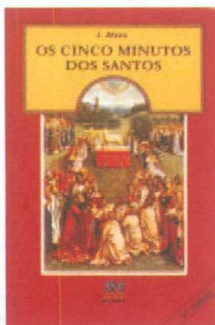
Apresente a Revista Ave Maria a um amigo, vizinho ou parente. Se ele quiser conhecer melhor a Ave Maria, basta ligar para 0800 555 021 e ele receberá um exemplar grátis.

Seja você também um propagador da justiça, da fraternidade, do amor, da verdade e da paz.

Oração da perseverança na fé

Deus, nosso Pai, nos momentos difíceis dai-nos a graça de confiar totalmente em vós, de atirmo-nos em vossos braços protetores. Senhor, estais conosco e nossa vida sustentais, por isso nada nos abaterá. Estaremos atribulados, mas não seremos esmagados, postos em extrema dificuldade, mas não vencidos. Perseguidos, mas não abandonados. Prostrados por terra, mas não aniquilados. Em dificuldades, mas não desesperançados. Em travessia, mas não errantes.

Transitórios, mas não acabados. Que nesse dia perseveremos na fé até o fim, para que a vida, não a morte, prevaleça sobre nós. A exemplo de S. Martinho, que tudo suportou na certeza de que Deus estava com ele e não o abandonaria em sua extrema penúria, sejamos neste momento de depressão, de aflição, dor e esmagamento revigorados por vosso amor e nada nos faça vacilar nem abater nossa confiança em vós: "É na conversão e na calma que está a vossa salvação; é no repouso e na confiança que reside a vossa força" (cf. Isaías 30, 15ss).



Se desejar saber mais sobre os santos e suas orações, fale conosco: "Os cinco minutos dos santos" da Editora Ave-Maria - 0800 7730 456

REVISTA MENSAL - FUNDADA EM 28.05.1898
 TELS.: (11) 3666-2128 / 3823-1060
 CAIXA POSTAL 1205 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO - SP

MARIA
Ave



Mala Direta Postal
 7214357200/2004 - DR/SPM
 AÇÃO SOCIAL CLARETIANA
 "CORREIOS"